

PENSAMENTO BRASILEIRO

ENSAIO 12



ARAKEN HIPOLITO DA COSTA

PENSAMENTO BRASILEIRO

Uma Síntese

Ensaio 12

CLUBE DE AERONÁUTICA

Casa do Pensamento Brasileiro

Presidente

Maj Brig Ar Marco Antonio Carballo Perez

1º Vice-Presidente

Cel Av Paulo Roberto Miranda Machado

2º Vice-Presidente

Brig Ar Carlos José Rodrigues de Alencastro

Editor

Cel Av Araken Hipolito da Costa

Editora Revista Aeronáutica
é de responsabilidade do Departamento Cultural
do Clube de Aeronáutica.
cultural@caer.org.br

www.caer.org.br

Araken Hipolito da Costa

PENSAMENTO BRASILEIRO

Uma Síntese

Ensaio 12



Editora Revista Aeronáutica
Rio de Janeiro
2022

Coordenação Editorial

Araken Hipolito da Costa

Revisão

Dirce Silva Brízida

Designer Gráfico

Núbia Santos

Digitação

Amanda Lima

**Ficha Catalográfica elaborada pela Biblioteca do Instituto
Histórico-Cultural da Aeronáutica**

H667p Hipólito, Araken. - Pensamento Brasileiro: uma síntese./ Araken Hipólito da Costa. Rio de Janeiro: Editora Revista Aeronáutica, 2022. (série ensaios; 12). 88p.

1. Filosofia Política - Ensaaios. 2. Cultura - Ensaaios I.
Título. II. Série.

CDU 130.2(81)



Fotografe o código acima e você
poderá ler, fazer download ou
compartilhar este ensaio pela internet.

INTRODUÇÃO

Este ensaio tem como objetivo sintetizar os estudos relativos ao Pensamento Brasileiro, a fim de facilitar a sua compreensão.

O Pensamento Brasileiro é a manifestação mais nobre da nação, porque ele representa seu agir frente à realidade e, ao mesmo tempo, identifica o sentido existencial nacional.

Este pensamento frutifica em valores orientadores para a sociedade, bem como mostra no seio das nações o seu potencial.

Tendo em vista a importância do assunto e o volume de conteúdo produzido ao longo desta rica epopeia para formação do Pensamento Brasileiro, este ensaio procura orientar os estudiosos do assunto e a incentivá-los a pesquisas mais aprofundadas sobre a riqueza de nossa Pátria.

Este ensaio baseou-se, principalmete, nos textos filosóficos dos livros de Giovanni Battista Mondin e Severo Hryniewicz. No tocante ao Pensamento Brasileiro, apoiou-se em documentos dos nossos orientadores Francisco Martins e Ricardo Vélez.

Será apresentada uma bibliografia básica para permitir um entendimento sobre o tema.

Araken Hipolito da Costa – Cel Av
Diretor do Departamento Cultural do CAER
Coordenador do Curso do Pensamento Brasileiro

ARAKEN HIPOLITO DA COSTA

1946

Rio de Janeiro

GRADUAÇÃO

1965/1968 Escola de Aeronáutica.

1975/1980 Arquitetura e Urbanismo, Faculdades Integradas Bennett.

1998/2000 Filosofia, Faculdade João Paulo II.

2000/2003 Teologia, Pontifícia Universidade Católica, Rio de Janeiro.

2008/2009 Licenciatura em Filosofia, Instituto Metodista Bennett.

PÓS-GRADUAÇÃO

1987 Curso de Estado-Maior e Superior de Comando da Aeronáutica.

1989/1990 Escola Superior de Guerra Aérea - Paris, França.

1991 Curso de Política e Estratégia Aeroespaciais.

2005 Mestrado em Ciências Aeroespaciais, Universidade da Força Aérea.

SUMÁRIO

Capítulo I	
O Pensamento	13
Capítulo II	
Origem do Pensamento e dos	
Fundamentos da Cultura Ocidental	23
Capítulo III	
Pensamento - Antecedentes	
à Descoberta do Brasil	27
Capítulo IV	
Descoberta do Brasil	47
Capítulo V	
Ideias Norteadoras do Pensamento Brasileiro	55
Capítulo VI	
Introdução ao Pensamento Brasileiro	71
Bibliografia	83

APRESENTAÇÃO

Este ensaio faz parte do projeto da Casa do Pensamento Brasileiro-Clube de Aeronáutica - para comemorar:

- 200 anos da Independência
- 100 anos da Semana de Arte Moderna
- 100 anos do Movimento Tenentista

Dedicamos nossos estudos para unir brasileiros, que amam o seu povo e sua Pátria.

Araken Hipolito da Costa - Cel Av
Diretor do Departamento Cultural

CAPÍTULO I

O PENSAMENTO

Nestes estudos, três perguntas são fundamentais para interpelar o que seja Pensamento Brasileiro:

Quem somos nós?

Que Nação é esta?

Qual é o destino da nossa Nação?

Os estudos para responder essas perguntas evidenciam a importância de entender o que é o pensamento, pois ele é a base da formação de uma cultura. A cultura representa a criação espiritual de um povo, compreendida com as ideias, os pensamentos filosóficos, religiosos, científicos e artísticos que geram os valores nacionais e indicam um caminho para a Nação. O termo civilização, por sua vez, traduz os bens materiais que permitem o bem-estar da sociedade.

Sem sombra de dúvida, é possível dizer que o Pensamento Brasileiro nasceu, propriamente, no século XVIII, com as ideias de Sebastião José de Carvalho e Melo (1699–1782), o Marquês de Pombal, que pretendeu efetivar uma ruptura radical com a tradição da cultura portuguesa, em que procu-

rava transformar o chamado Saber da Salvação, no ensino da Universidade de Coimbra, em um saber, de fato, científico. Estes primeiros parâmetros, somados à intenção de formar um império além-mar, com a língua portuguesa e as instituições jurídicas, acabaram por orientar o desenvolvimento das instruções estratégicas do Novo Mundo.



Outro aspecto relevante, a ser destacado, foi o encontro das culturas em novo território. Chegando nestas terras, o conquistador português já encontrou os indígenas, incorporando ao território, logo depois, o trabalho escravo do negro africano. As peculiaridades de cada uma dessas etnias, somadas, gerou uma verdadeira miscigenação cultural, que hoje perfaz concretamente a nossa cultura.

Além dessa experiência singular e bela da miscigenação, dois fatores muito importantes alicerçam as bases da nascente civilização: primeiramente, foi a determinação de se manter um território indiviso; e, depois, foi a necessidade de se preservar a unidade da língua trazida pelo colonizador.



O Brasil com seu imenso território e um vazio demográfico, contava apenas com as culturas indígena e negra, ambas sem um pensamento estruturado e filosófico que contribuísse para um pensamento humano universal. Traduzido em poucas palavras, ter uma cultura não significa ter um pensamento especulativo de caráter universal que alimente o espírito humano.

No nosso caso, foi o conquistador português que transladou a cultura greco-latino-germânica cristianizada, possibilitando, somente após o período setecentista, uma filosofia brasileira com alguma inovação e originalidade.

Após algumas considerações sobre nossa cultura, centralizaremos nossa atenção, agora, sobre o pensamento, tendo em vista ser o pensamento a alma do homem, o qual move a cultura.



Assim, o homem sendo o único ser que pensa, por consequência dá sentido à existência do mundo, é capaz de criar a cultura e buscar a finalidade da vida.

O que dá ânimo ao homem é sua alma; sem ela, o homem morre e o corpo tomba ao solo.

O espírito que alimenta a alma do homem é fruto da inteligência e da vontade. O agir humano começa pelo ato de inteligência, mas depende da vontade para acontecer.

Neste sentido entendo o sublime pensamento de Leibniz falando de Deus: “Seu entendimento é a origem das essências, e a sua vontade é a origem das existências. Eis em poucas palavras a prova de um Deus único com suas perfeições, e por ele a origem das coisas”.

O saber e o poder são inseparáveis do ser, são o ser mesmo; porque o ser, a substância, é uma força que sabe e pode. O saber é inteligência e poder; é vontade livre.

O espírito não está fechado e enclausurado na nossa cabeça, nem em parte alguma do corpo; mas se concentra o seu espírito, quanto mais se subtrai às sensações, e às impressões externas, tanto mais se ilumina e fulgura a sua inteligência, tanto mais força adquire, e mais brilhantes são seus pensamentos.

O homem, diz Pascal, “é visivelmente feito para pensar; nisso está toda a sua dignidade e todo o seu mérito, e o seu dever é pensar como lhe cumpre: ora, a ordem de seu pensamento é de começar por si, pelo seu autor e pelo seu futuro”.

Pensamento é o verbo intelectual, como o falar é o pensamento verbal.



Como podia o homem inventar a palavra, sendo indispensável para tal invenção pensamentos preexistentes, e para exprimir esses pensamentos, palavras preexistentes à invenção e à convenção? E como explica Bonald, o homem pensa a sua palavra antes de falar o seu pensamento.

A primeira palavra parece-me ter sido tão espontânea, tão natural como o primeiro ato da inteligência e da vontade; e como a inteligência é de origem divina, e não um ato da vontade humana, da mesma origem é a palavra.

Na análise psicológica da geração das faculdades da alma, achamos uma faculdade de perceber e de julgar distinta da sensação; a memória, que supõe identidade pessoal, e a ideia de tempo, inexplicável pela sensação; e uma atividade livre, que sustenta a atenção, a comparação e a reflexão, e mais se manifesta na vontade.

Se o homem não fosse dotado de liberdade, ainda que o supuséssemos inteligente, não se possuiria, obraria instintivamente, sem consciência; em tal caso não seria a inteligência uma faculdade sua, de fora o guiaria, e não precisaria ele de uma alma espiritual, inteligente, cônica de si; e tal é a condição dos animais.

O instinto obra sem conhecer; a inteligência obra e conhece; e a razão, somente a razão conhece, e se conhece.

É porque se conhece que a razão se vê, e se julga, e que se julgando, se eleva do intelectual ao moral.

A moral não pertence senão ao homem. A razão se vê, a razão se julga, a razão se estuda; e o estudo da razão pela razão, o estudo do espírito pelo espírito é toda a filosofia humana.

Todas as lutas da liberdade e da inteligência, de que a história, essa consciência do gênero humano, conserva a lembrança para nosso ensino. Só com esta triste condição poderíamos ser entes morais. Essa é a nossa glória, e o nosso

bem. Só tem liberdade neste mundo quem é inteligente; só tem inteligência quem é livre, e obra por si mesmo; e quem tem inteligência e liberdade tem consciência de si mesmo, é de necessidade um ente moral.

O homem é um ser moral e, portanto, todos os seus atos dependem da reta ordenação do seu pensamento. É na alma humana onde residem as suas decisões do seu agir, portanto cabe o alerta em Mateus 10, 28: “Não tenhais medo daqueles que matam o corpo, mas são incapazes de matar a alma! Pelo contrário, temei aquele que pode destruir a alma e o corpo no inferno!”

Martin Heidegger (1889-1976), em suas palestras sobre a origem do pensamento ocidental, apoiando-se em Heráclito (540 a 480 a.C.) argumenta que o ato de pensar é escutar. Aborda duas histórias acerca de Heráclito, em que o filósofo pré-socrático, na proximidade dos deuses, no Santuário de Artemis, escuta e observa o pensar divino como causa universal do mundo. Predomina um momento teológico no saber filosófico, embora não existisse uma religião grega. Este modo expande-se na História do Ocidente, como mostra a relação recíproca entre metafísica e cristianismo até o período medieval.

Podemos afirmar que a razão é filha da cidade. As maiores manifestações do pensamento filosófico e as mais transcendententes teses metafísicas surgiram em Atenas, no mundo grego, e em Paris, no século XIII do Medievo. Ambas aconteceram num ambiente urbano e politizado.

No contexto da filosofia devemos observar que a ciência das leis ideais do pensamento, e a arte de aplicá-las corretamente para procurar e demonstrar a verdade, chama-se lógica.

Os atos próprios da razão (intelecto) considerados pela lógica são:

Simple apreensão é o ato pelo qual o espírito capta uma ideia ou conceito, sem nada afirmar ou negar.

Considerando conceito ou ideia como aquilo que o espírito produz e no qual atinge a coisa. É a simples representação intelectual de um objeto.

Lembrando que o termo (palavra) é todo som articulado que convencionalmente significa um conceito;

2. *Juíço* é um ato pelo qual o intelecto une quando afirma, e separa quando nega;

3. *Raciocínio* é o ato pelo qual o espírito, a partir de coisas conhecidas, chega a um conhecimento novo;

Considerando o argumento com a expressão verbal de raciocínio.

Outro aspecto importante a ser observado em relação ao pensamento, deve-se ao filósofo Immanuel Kant (1724-1804) na sua resposta à pergunta sobre o que é esclarecimento. Diz: é a saída do homem de sua menoridade. Entende que o que produz tal menoridade é o próprio homem, que não consegue sair da sua condição medíocre e tomar coragem de servir-se de si mesmo sem necessitar da ajuda de alheios. Propõe Kant não nos acomodarmos, e sair em busca do saber, por isso usa o termo latino: “sapere aude”! (ouse saber).

Transpondo esta ideia para nação, concluímos que uma Nação não possuindo um pensamento próprio, original e de caráter universal, está fadada a ser tutelada por outra e perder sua soberania.

Neste contexto, o homem não foi feito para si mesmo, para se amar a si mesmo; e por isso está sempre pronto para se sacrificar pelos outros, por uma ideia, e por tudo o

que não é ele, e lhe parece ser o seu dever. Se dissermos ao jovem covarde, que trata de fugir para não prestar serviço à Pátria, que ele fará bem ao seu próprio interesse de correr os perigos da guerra; que poderá distinguir-se, e merecer grandes honras; ele nos responderá que bem sabe o que é do seu verdadeiro interesse; que não deseja a glória das armas; que sua vida é mais preciosa, e que a não sacrificará inutilmente. Mas falemos de seus pais, da sua Pátria, do seu dever; e talvez um nobre pensamento acorde em sua alma, talvez palpite o coração do covarde, tinja-lhe as faces o rubor da vergonha, e resoluto venha combater por amor dos outros e ser herói contra todos os cálculos do egoísmo. Diz isso Golçalves de Magalhães, Visconde de Araguaia (1811-1882).

Por fim, este mundo seria uma comédia horrível; uma ilusão sem causa, este universo; a existência humana zombaria do nada, é tudo mentira se não houvesse um Deus justo e bom! Os malvados teriam razão por um mero acaso; não haveria verdade e justiça nem na Terra, nem no Céu! Tranquilizemo-nos! O que é absurdo não pode ser verdade. Deus existe; e o espírito humano é imortal com a sua consciência.

CAPÍTULO II

ORIGEM DO PENSAMENTO E DOS FUNDAMENTOS DA CULTURA OCIDENTAL

A palavra pensamento significa o pensamento dos pensadores. Há muito chama-se esse pensamento de filosofia.

A filosofia surgiu na Grécia Antiga, em torno do século VI a.C. e, nesse ambiente, revestida do caráter polêmico da palavra, em que a garantia daquilo que afirmava não se assentava nos deuses, mas nas provas racionais, a partir dos esforços da razão. A superação da visão puramente mítica da realidade deveu-se ao aparecimento da pólis (cidades-estado), a partir do século VIII a.C.



Fundamentos da Cultura Ocidental

No processo de estruturação da cultura ocidental, além do cristianismo e do feudalismo, intervêm outros acréscimos importantes como o pensamento grego, o direito romano e a família. Entretanto, somente com a coroação de Oto I como imperador do Sacro Império Romano-Germânico, em 962, dá-se o nascimento da cultura ocidental.

A contribuição grega

A Grécia Antiga floresceu basicamente nos anos V e VI a.C. O legado cultural dos gregos antigos seria apropriado por Roma, sendo preservado no Ocidente.

A filosofia nasce na Grécia, fruto da criação original do pensamento grego, notadamente na capacidade de abstração e de generalização.

A contribuição do judaísmo e do cristianismo

O código moral judaico-cristão penetrou na cultura do Ocidente principalmente através de uma pregação centrada nos Dez Mandamentos. É apresentado como emanação direta de Deus.

A questão da moral nos mandamentos para organização e preservação da sociedade mantém a perenidade do código.

Esse código impregnou de modo radical a cultura do Ocidente e, sobretudo, a formação da família.

A contribuição de Roma

A herança romana na plena estruturação da cultura ocidental diz respeito, sobretudo, às instituições políticas e ao direito. Originariamente as instituições políticas de Roma guardavam certas semelhanças com as que se organizavam nas cidades-estados gregas. Como na Grécia, também na Roma, a condição de cidadão não alcançava a todos.

O direito romano, além de criação original, revelou ser uma ordenação a bem dizer perene desse aspecto da vida social, e sua estruturação com forma foi considerada definitiva.

A contribuição da família

Religião, propriedade, lei, educação, economia, todos os aspectos visíveis da sociedade tinham raízes na família.

A família é a célula “mater da formação da sociedade. O cristianismo absorvido pela família ao longo da Idade Média, propõe um projeto religioso na direção da unidade e do amor. É a escolha de um modelo para a humanidade e hierarquizada pelos seus valores.

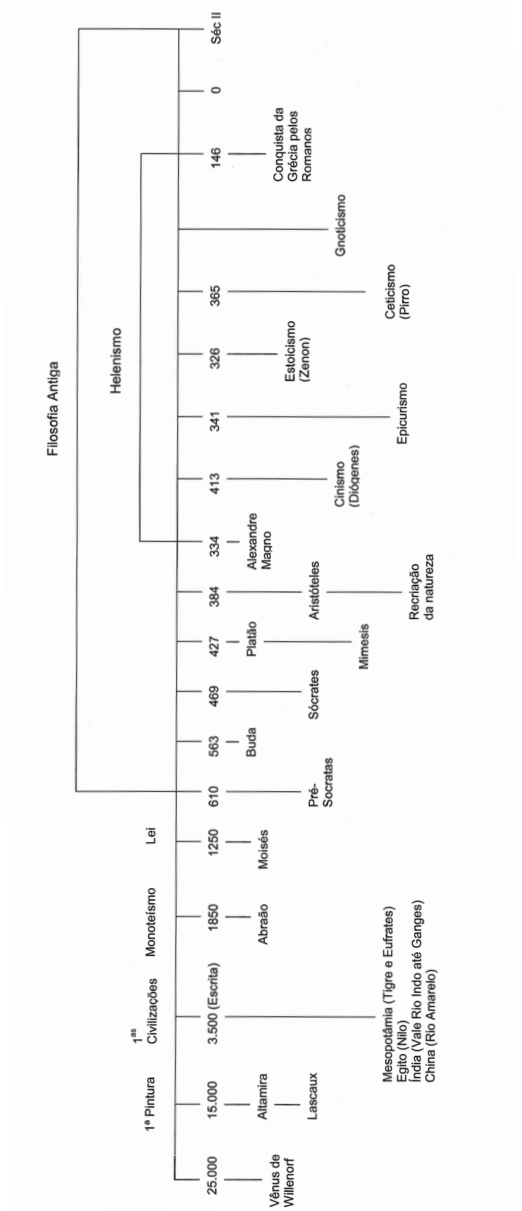
Surgem dois tipos de organizações da família:
particularista e clanária.

CAPÍTULO III

PENSAMENTOS ANTECEDENTES À DESCOBERTA DO BRASIL

Considerando a necessidade de entender as ideias que antecederam o descobrimento do Brasil, escolhemos alguns pensadores da filosofia antiga, medieval e comentários sobre o cristianismo e o humanismo renascentista.

Filosofia Antiga século VI a.C. – século II d.C.	Sócrates, Platão e Aristóteles	Superação do mito Leitura racional do mundo Valorização do homem
Cristianismo	Comentários	
Filosofia Medieval século II – século XV	Santo Agostinho e Tomás de Aquino	Busca da conciliação entre as verdades da fé e as verdades da razão
Humanismo Renascentista	Comentários	



Filosofia Antiga

1. Sócrates (469-399 a.C.)

Nasceu em Atenas e viveu 70 anos. Nada escreveu e foi condenado à morte sob acusação de impiedade aos deuses atenienses e de corrupção da juventude.



A convicção de Sócrates, pela qual sentiu-se chamado pelo oráculo de Delfos, é de que existiam princípios absolutos, verdades eternas, leis morais imutáveis e iguais para todos. Nisto ele se opõe aos sofistas, os quais sustentaram que tudo é relativo.

Propõe, também, a felicidade como prática de virtude.

Quem é o homem? Sócrates respondia: “O homem é sua alma”.

A alma é a sede da razão, da ética e do conhecimento.

Para acessar os conteúdos da alma são usadas por ele, nas conversas com os discípulos, a ironia e a maiêutica.

2. Platão (427-347 a.C.)

Viveu 80 anos e foi discípulo de Sócrates. Fundou a Academia com 40 anos, considerada uma universidade, pois a estrutura de seu programa era constituída pela matemática e pela geometria.

O pensamento platônico é o dualismo. Platão considera o mundo material uma reprodução imperfeita, uma participação limitada do mundo ideal, perfeito, eterno, o mundo das ideias. O demiurgo inspirou-se nas ideias (essenciais) do mundo celeste e moldou todas as coisas terrenas. O homem é uma cópia imperfeita, mas sua alma é imortal e o corpo é a cadeia e a fonte de todos os males.

Tudo que conhecemos no mundo terreno, conhecemos por reminiscência das coisas que a alma contemplou quando esteve no mundo celeste. A alma em sua trajetória passa por um processo de reencarnações, denominado metempsicose.

As funções da alma quando ligada ao corpo, compõe-se de três partes: a concupiscível ou apetitiva, a irascível e a racional.

A arte é mimesis, ou seja, imitação. Se as coisas do mundo terreno são cópias, a arte é cópia da cópia.

O pensamento político de Platão está em suas obras. Nos diálogos “Górgias”, defende a ideia de que a verdadeira arte política consiste na cura da alma. A “República” é a obra-prima de Platão, em que ele consegue harmonizar política e filosofia. Na obra “A Política” faz uma análise objetiva dos tipos de governo: a Aristocracia (sabedoria), Timocracia (força), Oligarquia (riqueza), Democracia (de-

magogia) e Tirania (terror). Na obra “A República”, livro VII, encontramos o famoso diálogo da alegoria da caverna.

3. Aristóteles (384-322 a.C.)

Viveu 62 anos. Aos 17 anos, ingressou na Academia de Platão, onde permaneceu por 20 anos, até a morte do mestre. Aos 42 anos tornou-se preceptor de Alexandre. Retornando para Atenas fundou uma escola, à qual deu o nome de Liceu.

O pensamento filosófico de Aristóteles caracteriza-se pelo esforço de captar de modo unitário (contra o dualismo de Platão) e, ao mesmo tempo, pela tentativa de restituir as causas últimas de tudo aquilo que é mutável e contingente a um princípio único transcendente.

Com tal propósito, Aristóteles postula quatro causas fundamentais:

- Causa formal é a forma ou a ideia das coisas;
- Causa material é aquilo de que é feita alguma coisa;
- Causa eficiente é aquilo que causa o movimento e a mudança das coisas;
- Causa final é o escopo, o fim das coisas e das ações, é aquilo para que a coisa advém, é o bem de cada coisa.

Vale-se desses princípios para resolver todos os grandes problemas:

- Problema cosmológico – composição hilemórfica de todas as coisas, as quais são constituídas de matéria e forma e se encontram na relação de potência e ato.

- Problema gnosiológico – o conhecimento intelectual funda-se no sensitivo, enquanto as ideias são extraídas das sensações por meio do procedimento abstrativo. Conforme a famosa passagem: “Nada há no intelecto que não tenha passado primeiro pelos sentidos”.

- Problema metafísico – a metafísica é o saber mais importante e elevado, pois estuda o ser em si mesmo e tem em vista a descoberta das causas últimas das coisas.

- Problema ético – a perfeita felicidade e a plena realização do próprio ser pelo homem não pode consistir só na contemplação das ideias, mais exige também uma adequada satisfação dos sentidos, pois o homem é essencialmente constituído de corpo, além do espírito, como diz Aristóteles a respeito: “A virtude está no meio”. Neste caso o corpo não é a prisão da alma como em Platão.

Aristóteles cita que dentre todas as virtudes éticas, a mais sublime é a da justiça. Afirma, também, que a vida justa e voltada para ação e se realiza na própria vida social. Esta concepção de relação necessária entre ética e política é típica do pensamento clássico.

Problema teológico – existe um Ser supremo, que é a causa última de todo devir na qualidade de Motor Imóvel.

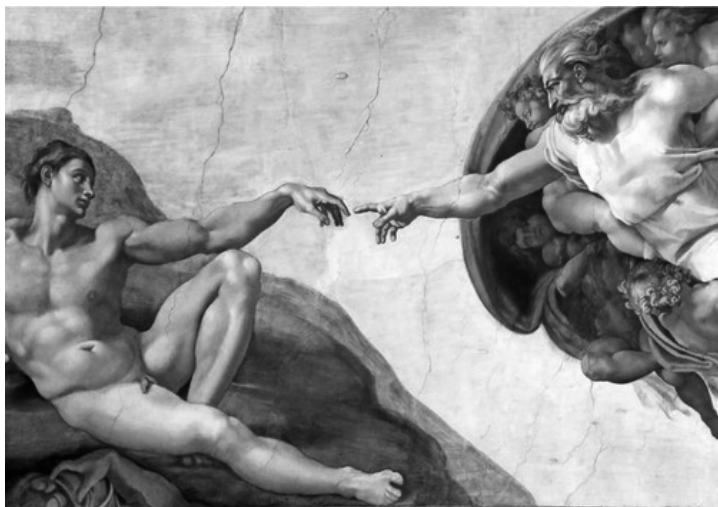
Problema político – Ética e política coincidem em seus fundamentos, porque reconhecem que o homem é, por natureza, animal político. A organização social primeira é a família, depois a vila e, por fim, é o Estado ou a pólis, que é o fim último da vida política.

4. Cristianismo

Os estudiosos de todas as tendências concordam em que o cristianismo exerceu influência decisiva na filosofia da Idade Média e da época moderna.

Alguns conceitos influenciaram sensivelmente o da liberdade, como escreve Hegel: “A liberdade é a própria essência do Espírito, isto é, a sua própria realidade. Regiões inteiras do mundo, a África e o Oriente, nunca tiveram esta ideia e ainda não a têm: os gregos e os romanos, Platão e

Aristóteles, e também os estoicos, não a tiveram. Eles sabiam somente que o homem é livre em decorrência do nascimento (como cidadão ateniense, espartano etc.) ou graças à força do caráter e à cultura, graças à filosofia (o escravo, mesmo preso em cadeias, é livre). Esta ideia foi trazida ao mundo pelo cristianismo, para o qual o indivíduo como tal tem valor infinito e, sendo objeto e escopo do amor de Deus, é destinado a ter relação absoluta com Deus como espírito, e a fazer com que este espírito permaneça nele, isto é, o homem em si é destinado à suma liberdade”.



O pensamento helênico não estava em condições de conceber que o infinito e o universal pudessem exprimir-se em uma pessoa.

Entre as principais verdades trazidas pelo cristianismo merecem ser recordadas, pelo seu significado filosófico:

- Criação do mundo – resolve-se a origem das coisas. O mundo não é eterno, não foi criado por divindades, não é produto do acaso, mas é criado (“ex nihilo”) por Deus, fonte de vontade e bondade absolutas;

- Nova concepção de homem – o homem foi criado à imagem e semelhança de Deus e são todos irmãos;

- Origem do mal moral – teve origem com o pecado do primeiro homem, mas a sua possibilidade está radicada na finitude da natureza humana;

- Deus, amor infinito – é a resposta ao problema da natureza divina e da providência. Deus não é o pensamento pensante de Aristóteles, nem o artesão de Platão, mas o amor eternamente providente: por amor, cria o mundo e o homem.

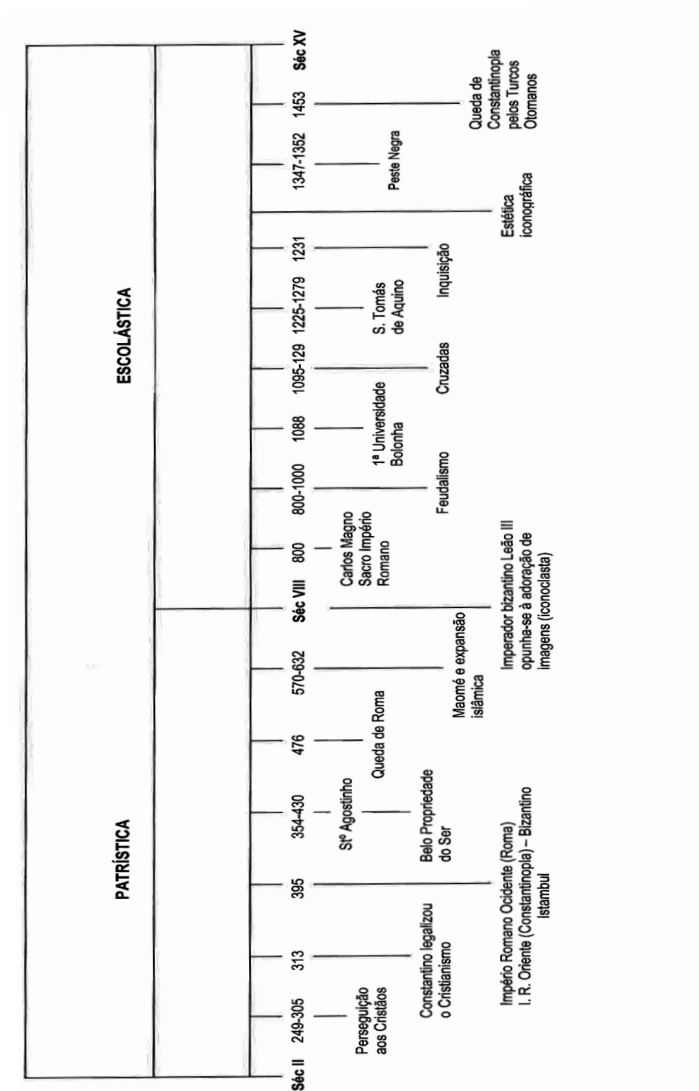
As relações entre cristianismo e filosofia se dão em dois momentos. No primeiro século da cristandade, há um veto à filosofia por parte dos padres da Igreja. A aproximação entre o cristianismo e a filosofia começou a ocorrer no século II. Ela se deu devido às dificuldades que os evangelizadores encontram em responder aos ataques que a doutrina cristã sofria do filósofo.



Por patrística designa-se o período dos chamados padres da Igreja. Os padres destacaram-se pelo esforço em dar à doutrina cristã uma interpretação adequada aos ensinamentos bíblicos. Neste ensaio citaremos, apenas, o mais notável dos padres da Igreja, Santo Agostinho.

A escolástica constitui-se no segundo grande período da filosofia cristã, já plenamente inserida na Idade Média. Em especial a escolástica é uma filosofia que se submete à fé e às verdades do cristianismo.

Filosofia Medieval



5. Santo Agostinho (354-430)

Viveu 76 anos. A vida de Agostinho pode ser dividida em dois períodos: antes da conversão interessa-se por retórica e filosofia; depois da conversão concentra-se na sagrada escritura e na teologia.

A filosofia é boa quando segue a verdade cristã. No conhecimento humano, Agostinho distingue três operações:

- O conhecimento sensitivo é obtido pelos sentidos onde o sentir não é do corpo, mas da alma por meio do corpo;
- O conhecimento científico (“ratio inferior”) se ocupa do mundo terreno, temporais e mutáveis;
- A sabedoria (“ratio superior”) se ocupa do conhecimento intelectual das verdades e realidades eternas e imutáveis do mundo suprasensível ou inteligível.

A teoria da iluminação

Conforme Agostinho a verdade é eterna e imutável, infinita. Isto quer dizer que a verdade não pode ser produzida pelos sentidos e nem resultar dos esforços da mente humana. Ao procurar a verdade, encontra-se já presente em si. Deus, portanto, ilumina a alma humana e torna-a capaz de conhecer a verdade. Quando ouve a sua voz e acolhe a sua iluminação.

Existência de Deus

- Prova psicológica – O homem procura a cura para as misérias humanas e para satisfazer o anseio de felicidade;
- Prova moral – A razão humana que julga os seres e as forças neles contidas, claramente se submete a uma realidade superior;
- Prova cosmológica – Graus de perfeição das qualidades das coisas.

Trindade

Conforme a analogia com a alma humana, onde é uma e trina como: memória, inteligência e vontade não são três mentes, mas uma mente, nem só três substâncias, mas uma só substância.

Exemplarismo

Consiste na ideia de que Deus deixou impressas em todas as coisas as marcas de sua criação. Num certo sentido, pode-se falar de uma gravidez do mundo. Assim, a teoria da evolução, muito antes de ser formulada por Darwin, tem uma resposta de caráter metafísico.

Mal

Se Deus é a causa de tudo o que acontece, como se explica o mal? A causa do mal não é Deus, mas é a privação de uma perfeição devida. Quando um homem se afasta do bem imutável e se volta para um bem particular, inferior, peca, e nisto consiste o mal. Só onde há liberdade é que se pode falar de bem (e de mal).

O sofrimento é a consequência da culpa. Agostinho via no próprio pecado um lado positivo, era um meio de exercício para os bons. É nesse sentido, a célebre frase: “Odeio o pecado, mas amo o pecador”.

Tempo

O tempo é criação divina e só vale para a criatura. No homem o tempo existe no espírito, pois vivencia o passado, o presente e o futuro.

Teologia da história

A contribuição de Agostinho à solução do problema histórico e por meio da célebre doutrina das duas cidades:

a cidade de Deus (= a Igreja), fundada no amor de Deus, e a cidade terrena (= o Estado), fundada no amor de si, no egoísmo. Entre as duas cidades o confronto é insanável e perene, até o triunfo total da cidade de Deus.

6. Tomás de Aquino (1225-1274)

Viveu 49 anos. Os pontos sobre os quais se funda toda a metafísica de Tomás são as seguintes: a perfeição máxima é o ser, os seres (entes) originam-se do ser por criação; a criação é uma participação da perfeição do ser nos seres (entes); a limitação de perfeição do ser aos outros seres (entes) é devida a uma potência, isto é, à essência. Há, portanto, nos seres (entes) distinção real entre ser e essência; entre os seres (entes) e o ser supremo, existe uma analogia ou semelhança, pois são todos apresentados com a mesma perfeição.

Matéria-prima + forma substancial = Essência + ser = substância + acidente = indivíduo
(potência) (ato) (potência) (ato) (potência) (ato)

- Matéria-prima (aquilo de que é feito a coisa);
- Forma substancial (aquilo que determina o ente a certo modo de ser);
- Essência (aquilo que a coisa é);
- Ser (ato de ser);
- Substância (aquilo que é em si);
- Acidente (aquilo que é em outro);
- Ente (aquilo que é);
- Potência (capacidade de perfeição);
- Ato (a própria perfeição).

Provas da existência de Deus

A existência de Deus pode ser provada por argumentos elaborados por meio da observação do mundo em geral (in-

dução). Tomás de Aquino elaborou cinco argumentos para demonstrar a existência de Deus. O primeiro, é baseado na observação do movimento. Se há movimento é porque há uma causa que o produz. Retrocedendo, há de se encontrar um motor que é a causa de todos os movimentos (Deus). O segundo, nasce da observação do princípio da causalidade. Se todas as coisas são efeitos de causas que, por sua vez, são efeitos de outras causas, há uma causa que não é efeito de nenhuma outra: (Deus). O terceiro, é fundamentado na distinção entre o necessário e o possível. Todos os entes mundanos são possíveis, não necessários. Para que estes existam, pressupõe-se a existência de um ser necessário (Deus). O quarto, parte da observação de todos os entes do mundo que possuem graus diferentes de perfeição. Uns são mais perfeitos que outros. Necessariamente há de existir um ser perfeitíssimo (Deus). E o quinto, aponta a necessidade de um ser que seja responsável pela harmonia e pelo governo do universo (Deus).

Fé e razão

Deus é criador do mundo e do homem. O homem é a mais nobre de todas as criaturas mundanas. Ao criá-lo como soberano na natureza, Deus dotou o homem de capacidade causativa e cognitiva autônoma. Por isso, ele é capaz de conhecer Deus por meio da razão. A razão é somente um caminho diferente que leva ao mesmo ponto a que leva a fé: Deus. Para Tomás, as relações entre fé e razão são, portanto, de perfeita harmonia, por se completarem reciprocamente.

O homem

Deus cria dois tipos de substâncias: as corpóreas e as espirituais. As espirituais (formas puras), destituídas de

matéria, são anjos. Nas substâncias corpóreas, a matéria é o princípio de individuação.

O homem é concebido como união (sínolo) de matéria (corpo) e forma (alma). A alma é a sua única forma substancial. A capacidade de conhecer é uma prova de que a alma desempenha uma atividade independente em relação ao corpo. Essa atividade é espiritual e se é independente em relação à matéria, é imortal.

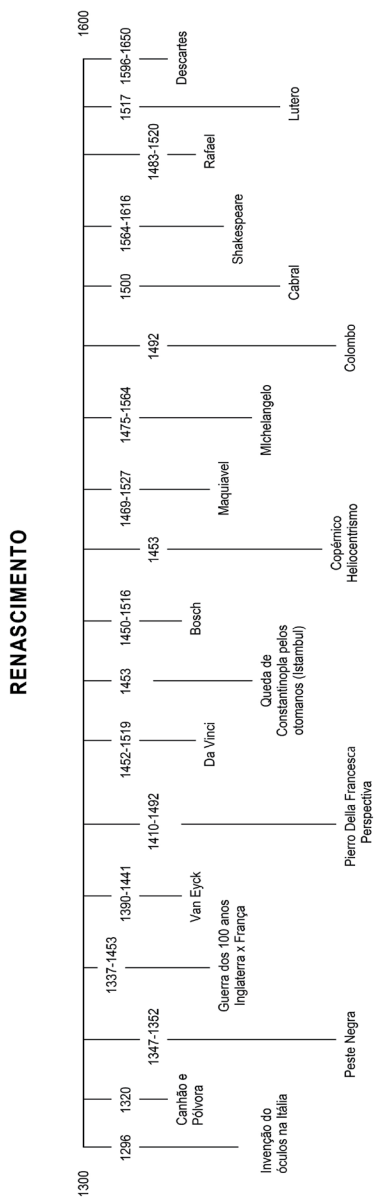
S. Tomás se refere ao homem, sobretudo como pessoa. Afirmar S. Tomás que pessoa é o ser mais perfeito em seu aspecto físico (dispõe das mãos).

A pessoa é o ser mais perfeito em seu aspecto espiritual (fala, produz arte, moral, trabalha, pode dizer eu, tomar decisões, exercer a liberdade, produz conhecimento abstrato e universal, e a capacidade de conhecer Deus).

A pessoa é o valor absoluto (inteligência e liberdade são os dois máximos poderes).

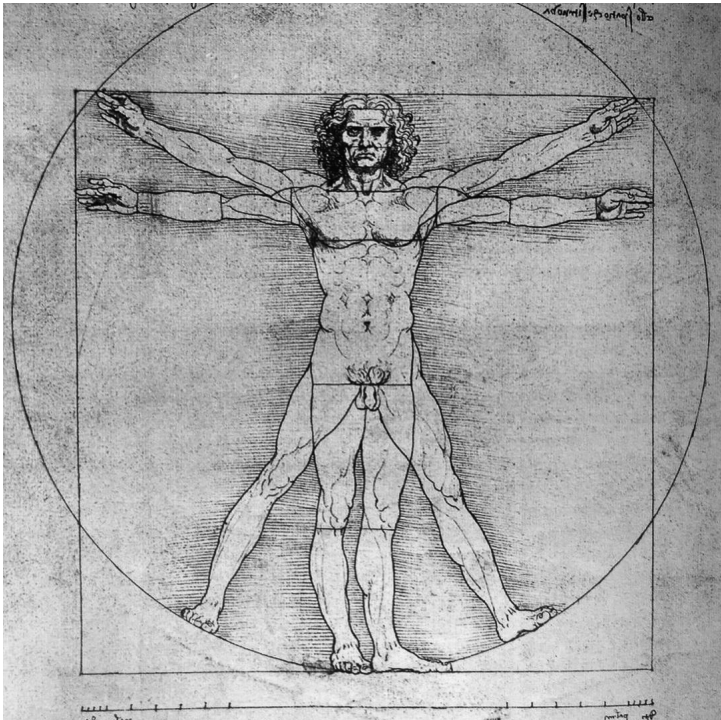
Ética

A ética é o estudo de atividade humana com relação a seu fim último, que é a realização plena da humanidade.



7. Humanismo Renascentista

- Humanismo (metade do século XIV e início do século XV);
- Renascença (segunda metade do século XV e século XVI).



Podemos sintetizar este período, como: o indivíduo é visto como valor absoluto, a natureza como seu reino, a história como sua criação e a arte como expressão de sua superioridade sobre os demais seres da criação.

Antes o centro das preocupações humanas era Deus (teocentrismo) e a Igreja é a depositária da verdade revelada e a intermediária entre a Terra e o Céu. Agora é o homem (antropocentrismo) caracterizado pela autonomia do mundo da cultura em relação a todo fim transcendente e na supremacia da evidência racional, na procura da verdade. É o saber de salvação dando lugar ao saber científico, onde na pesquisa científica a qualidade é substituída pela quantidade. Podemos dizer em vez de o mundo ser um lugar de passagem, preocupou-se em dominar o mundo.

O divórcio entre fé e razão culmina com a filosofia e a ciência, com conjunto no reivindicar a sua autonomia, rebelando-se contra a autoridade religiosa, representada pela Igreja.

Na Reforma Protestante (1517) sobressai a figura de Martinho Lutero (1483-1546), que apresenta três pontos capitais: a justificação pela fé sem as obras; a Bíblia como a única fonte e sujeita ao livre exame; e a negação de intermediários entre Deus e o crente. Causou profundas transformações políticas, sociais, econômicas e culturais. No plano das ideias se dera a ruptura do princípio de autoridade nas quais se apoiava a visão medieval de mundo, tanto na ordem espiritual como na civil. Inicia-se um processo acelerado para o sentimento individualista. Com referência à filosofia, exerceu papel decisivo na evolução da filosofia moderna: a autonomia da razão, o espírito crítico e a condenação da metafísica. Especialmente nos países protestantes aparece-

ram alguns aspectos no pensamento de Kant, Hume, Fichte, Hegel, Feuerbach e Nietzsche.

Também a concepção política medieval entra em crise: da desagregação do Império nasceram os Estados nacionais e os novos teóricos da política sustentam a autonomia com relação à Igreja e como consequência, a partir de Maquiavel em diante é quando a política e a ética se separam.

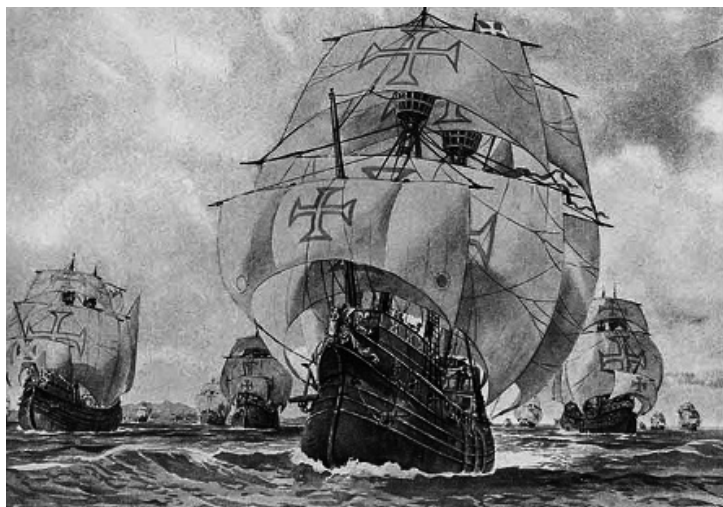
O aprofundamento do estudo da latinidade do século XIV e o amor pela classicidade greco-romana do século XV constituem um dos caracteres do humanismo, com a prevalência da cultura humana sobre a cultura teológica. A visão humanística da vida é preferencialmente estética no melhor sentido da palavra.

O século XV é um dos mais ricos da História em decorrência das descobertas científicas e geográficas. Dentre as descobertas científicas, a da imprensa teve importância capital porque veio facilitar a difusão da cultura, tornando acessíveis também às classes menos favorecidas as obras dos escritores de todos os tempos. Das descobertas geográficas, a que teve consequências mais importantes foi a do Novo Mundo, consequências que não foram somente de caráter político e econômico, mas também de caráter espiritual, à medida que tal descoberta contribuiu para modificar a concepção do mundo, tornando-a mais vasta e mais grandiosa.

CAPÍTULO IV

DESCOBERTA DO BRASIL

“O Estado português se organizou ao longo do processo de expulsão dos mouros e de afirmação da independência em relação a Castela, iniciado por D. Afonso Henriques, em 1128, e que está virtualmente concluído com ascensão ao trono da Casa de Avis, em 1385.



O novo rei herdara um veio de destino messiânico que corria fundo na Casa Real portuguesa de Avis. Nascido no dia da festa de “Corpus Christi” e batizado com o nome luminoso de Emmanuel, “Deus conosco”, ele conferiu um significado místico à sua coroação. Tinha 26 anos de idade.

Nos finais do século, com a aproximação do aniversário de 1.500 anos do nascimento de Cristo, tendências apocalípticas varreram a Europa, especialmente a Península Ibérica, onde a expulsão tanto dos muçulmanos quanto dos judeus era encarada como um sinal. Nesse ambiente, D. Manuel I acreditava, e era encorajado a acreditar, que estava predestinado a coisas extraordinárias: a exterminação do islã e a disseminação da cristandade pelo mundo todo, sob um monarca universal. “Dentre todos os príncipes ocidentais da Europa”, escreveu o marinheiro Duarte Pacheco Pereira, “Deus só quis escolher Sua Alteza”. A possibilidade de que grandes feitos pudessem ser realizados pelo minúsculo Portugal encontrava justificativa na citação bíblica: “Os primeiros serão os últimos e os últimos serão os primeiros”.

O Plano da Índia, que vacilara nos últimos anos conturbados do reinado de João, tornou-se a primeira saída para esses sonhos. D. Manuel I acreditava que tinha herdado o manto de seu tio-avô Henrique, “o Navegador”. Desde a queda de Constantinopla, a Europa cristã sentia-se cada vez mais cercada. Para contornar o islã, ligar-se ao Preste João e às ditas comunidades cristãs na Índia, apoderar-se do controle do comércio de especiarias e destruir a riqueza que dava poder aos sultões Mamluks no Cairo, desde os primeiros meses de seu reinado já havia, embrionária, uma visão geoestratégica de vasta ambição; iria, com o tempo, espalhar os portugueses pelo mundo inteiro. Se foi forjada no espírito de cruzada, ela também tinha uma dimensão

material: não apenas para tirar o comércio dos Mamluks, mas também para suplantar os venezianos como empório de bens de luxo no Oriente. O projeto era ao mesmo tempo imperial, religioso e econômico. Foi nesse espírito que D. Manuel I começou a reunir a expedição para chegar às Índias, um espaço vagamente definido, dada a falta de conhecimento detalhado, que na imaginação europeia provavelmente abrangia todo o Oceano Índico e onde mais pudessem crescer as especiarias.

Os conquistadores portugueses, exímios navegadores, atingiram as longínquas terras em Cabo Verde, Guiné Bissau, Angola, São Thomé e Príncipe, na África; Goa, na Índia; Macau, na China. Em 1500, Pedro Álvares Cabral comandou treze embarcações, sendo dez naus e três caravelas. Compondo duas divisões e ainda uma tripulação com um mil e quinhentos homens, tendo entre eles os navegadores Bartolomeu Dias e Nicolau Coelho e mais cientistas, padres e comerciantes. Foi a maior e a mais equipada frota a zarpar dos portos ibéricos até então. Era algo planejado.

A saída de Belém, em 9 de março de 1500, foi marcada por grandes pompas. Houve uma missa penitencial e a bênção do estandarte real, ostentando cinco círculos que simbolizavam as cinco chagas de Cristo. Dessa vez D. Manuel I estava lá em pessoa para entregá-la a Cabral; depois, a procissão liderada pelos frades “e o rei foi com eles até a praia, onde todo o povo de Lisboa estava reunido, cada qual para ver seus maridos e filhos”, e eles observaram os escaleres saindo dos galeões ao largo da Praia do Restelo e o desenrolar das velas. D. Manuel I acompanhou a frota por barco até a foz do Tejo, onde os navios de partida sentiram o golpe do mar e viraram suas proas para o sul. Usando a experiência de Vasco da Gama, os pilotos adotaram uma rota mais

direta. Não se fez qualquer parada quando passaram pelas ilhas de Cabo Verde sob tempo bom. Com boas condições de mar, o desaparecimento repentino de um dos navios parecia um mistério e um agouro. As ordens eram seguir a rota em arco anterior: “Quando tiverem o vento de popa, então tomariam o caminho do sul. E se tivessem de variar o curso, que fosse em direção sudoeste. E assim que encontrassem um vento leve, deveriam adotar um curso circular até que pusessem o Cabo da Boa Esperança diretamente a leste”. Eles devem ter alargado o arco, porque em 21 de abril avistaram a oeste, “primeiro, uma grande montanha, muito alta e redonda, e outras terras mais baixas para o sul, e terra plana com grandes bosques de árvores”. Esse golpe de sorte se mostrou tão pacífico quanto inesperado. Os habitantes nus eram inteiramente diferentes das tribos encontradas nas praias da África: “Eram pardos, todos nus, sem coisa alguma que lhes cobrisse suas vergonhas. [...] e o cabelo deles era longo e eles depilavam a barba. E as pálpebras e por cima das sobrancelhas eram pintados com figuras em branco e preto e azul e vermelho. Traziam o beijo de baixo furado. Notou-se que “as mulheres também andam nuas, sem por isso ter vergonha, e têm um corpo lindo, com cabelo cumprido”. Pela primeira vez os portugueses viram redes – “camas instaladas como teares”. O povo parecia dócil. Dançaram ao som das gaitas de fole dos portugueses e estavam dispostos a imitar as ações da missa rezada na areia tropical, e se assustavam facilmente, “como andorinhas no comedouro”. Para o proselitismo, pareciam ser material promissor para conversão. Esse lugar, que eles batizaram de Terra de Vera Cruz.

Os navios de Cabral voltaram a Lisboa em pequenos grupos no verão de 1501. Dos treze navios que partiram, sete

voltaram. Cinco deles estavam carregados de especiarias; dois estavam vazios; os outros seis tinham se perdido no mar.

Entretanto, apesar de toda nostalgia por uma época dourada antes da chegada dos francos, essa vasta e grandemente pacífica zona de comércio era um mar fechado. Os portugueses, com seus canhões de bronze e frotas eficientes, ao mesmo tempo romperam um sistema autossuficiente e uniram o mundo. Eles chegaram como precursores da globalização e da era científica da descoberta. Seus exploradores, missionários, mercadores e soldados espalharam-se pelo mundo inteiro. Estavam em Nagasaki e Macau, nas terras altas da Etiópia e nas montanhas do Butão. Arrastaram-se pelo platô tibetano e batalharam rio acima por todo o Amazonas. À medida que avançavam, mapearam, aprenderam línguas e descreveram com “a caneta numa das mãos e a espada na outra”. Luís Vaz de Camões, cujo poema épico “Os Lusíadas” criou uma mitologia iniciadora para o heroísmo da exploração, exemplificava em pessoa as por vezes desesperadas qualidades da aventura portuguesa. Ele foi o poeta mais viajado da Renascença, um homem que perdeu um olho no Marrocos, que foi exilado para o leste por uma luta com espada, que foi destituído em Goa e naufragou no delta do Mekong – ele nadou para a margem levando seu manuscrito acima da cabeça. “Tivesse havido mais do mundo”, Camões escreveu a respeito dos exploradores portugueses, eles “o teriam descoberto”.

Embora sua supremacia tenha durado pouco mais de um século, as realizações portuguesas criaram um protótipo para as formas novas e flexíveis de império, baseadas em poder marítimo móvel, e o paradigma para a expansão europeia. Aonde eles foram, os holandeses e ingleses os seguiam.

No processo, os portugueses puseram em movimento infindáveis interações globais, tanto boas quanto más. Eles levaram armas de fogo para o Japão, astrolábios e vagens verdes para a China, escravos africanos para a América, chá para a Inglaterra, pimenta-do-reino para o Novo Mundo, seda chinesa e remédios indianos para a Europa inteira, e um elefante para o papa. Pela primeira vez, povos de cantos opostos do planeta podiam ver uns aos outros – eram tema de descrição e admiração. Pintores japoneses imaginaram visitantes estranhos com enormes calças em forma de balão e chapéus coloridos. Os cingaleses ficaram perplexos com sua agitação endêmica e seus hábitos alimentares, declarando que os portugueses são um “povo muito branco e bonito, que usa chapéus e botas de ferro, e nunca para num lugar. Eles comem um tipo de pedra branca e bebem sangue”. Essas imagens, impressões e intercâmbio deixaram uma influência enorme e duradoura na cultura, na alimentação, na flora, na arte, na história, nas línguas e nos genes do planeta. Além disso, eles marcaram o início de quinhentos anos de dominação pelo Ocidente que só agora começa a reverter; em seu rastro, navios de contêineres com vários andares navegam pelos oceanos, voltando com artigos manufaturados do Oriente. A China projeta novas formas de “soft power” pelo Oceano Índico e no coração da África.

Em Belém, hoje, próximo à tumba de Vasco da Gama, à estátua do melancólico Afonso de Albuquerque e ao litoral de onde os portugueses partiram, há uma venerável confeitaria e um café, a Antiga Confeitaria de Belém. Talvez seja um santuário para as influências benignas da aventura global de Portugal. As pessoas vão até lá aos bandos para comer suas especialidades, os pastéis de Belém, tortas de creme doce assadas até dourar e salpicadas de canela, acompanhadas

por notas de café preto como piche. Canela, açúcar, café: os gostos do mundo desembarcados primeiro ali em navios a vela.” Conforme Roger Crowley no livro “Conquistadores”, Editora Crítica.

O pensamento português formara-se em função de uma ética medieval, que impregnou o próprio objetivo da expansão ultramarina, qual seja o de levar as terras distintas à religião de Cristo. O Estado assumia a defesa da fé além de suas fronteiras. Transplantava-se a escolástica da Contra-Reforma, simplificada pelos jesuítas.

Portugal, com apenas dois milhões de habitantes, foi capaz de expandir seu poder pelo mundo afora, mas graças a fé includente do cristianismo, permitiu um projeto português de universalidade no Brasil de viver em paz com todos os povos.

No período do descobrimento do Brasil em diante, uma revolução social vai emergindo na Europa com a formação dos Estados Nacionais. Como consequência ao abandono do Latim como língua oficial no mundo do saber, simultaneamente, ocorre a emergência das filosofias nacionais, não em oposição à filosofia universal, mas como reflexões e investigações suscitadas por problemas filosóficos que marcaram as distintas traduções nacionais.

O processo de formação do Estado Moderno foi caracterizado pela unidade territorial, unidade das Forças Armadas, unidade de soberania e unidade de governo. Paralelamente, aconteceu a adoção das línguas nacionais na produção nacional.

Cabe ressaltar que no terreno das ideias, a originalidade não depende nem da geografia nem da nacionalidade. Os problemas do espírito são universais, porque dizem respeito à realidade, ao destino e ao valor do homem e das coisas.

A cultura brasileira não pode ser senão uma consequência da cultura que formou o Ocidente. Tudo que constitui hoje o Ocidente, no campo da filosofia, da arte, da ciência e da técnica, só pode ser entendido a partir das culturas originais.

Na verdade, as etnias indígena e a posterior africana sofreram a força da civilização europeia trazida pelos portugueses. Tanto os silvícolas como os escravos nada tinham a oferecer, em termos de valores capazes de possibilitar um diálogo com a cultura ocidental.

Resumindo, a cultura brasileira, emana da paideuma criador da cultura greco-latino-germânica cristianizada, configurando-se suas realizações históricas dentro do estilo singular dessa cultura.

CAPÍTULO V

IDEIAS NORTEADORAS DO PENSAMENTO BRASILEIRO

Neste capítulo apresentaremos seis pensadores e as ideias do Iluminismo que influenciaram a trajetória do pensamento brasileiro até a Escola do Recife com a posição firmada do culturalismo por Tobias Barreto (1839-1889).

1. René Descartes (1596-1650)

Viveu 54 anos, é considerado pai do racionalismo e da modernidade ocidental, que colocou a razão humana com a instância legítima da verdade e sua filosofia lançou as bases para a construção da nação francesa.

A partir de Descartes, a preocupação dominante do filósofo não mais diz respeito ao ser, à realidade em si, às causas últimas das coisas, Deus, mas diz respeito ao homem, à sua capacidade de conhecer o mundo e de transformá-lo.

Descartes, fascinado pela matemática e pela geometria, o que conta é descobrir uma metodologia adequada para

investigação filosófica. Para ele o método adequado para a descoberta da verdade é a dúvida.

Diz ele que é preciso duvidar de tudo. Descartes se exprime assim: “Refleti então que, enquanto queria pensar que tudo era falso, era necessário que eu, que o pensava, fosse alguma coisa. E assim era tão certo o ‘eu penso, logo existo’, aceitei como o princípio da filosofia que eu procurava”.



Por isso, o cogito é um critério de verdade só em sentido muito restrito, mas o critério de verdade são a clareza e a distinção. Em suma, as quatro regras seguem os seguintes passos: primeiro estabelecer adequadamente qual é o problema a ser resolvido; segundo, visualizar o problema em suas várias partes; terceiro, resolver o problema começando pelas partes mais simples e, por fim, rever criteriosamente o que foi concluído, ligando todas as partes. Eis aí a unidade de saber.

O método cartesiano é baseado em dois alicerces: a teoria do conhecimento e as matemáticas. Fecundar as matemáticas significava, para Descartes, torná-las modelo de todo raciocínio filosófico e científico. Como criador da geometria analítica, ele viu na análise geométrica exemplos de procedimentos corretos do raciocínio.

A sua metafísica (a alma, o mundo, Deus). Descartes reconstrói com admirável clareza e simplicidade todo universo da metafísica clássica, seguindo de perto Platão e Agostinho. Começa provando que a essência do homem é a alma; depois com experiência da imperfeição e com a ideia de perfeição, demonstra a existência de Deus; finalmente mostra que o mundo é essencialmente extensão.

A essência do homem consiste no pensamento. Chega a esta conclusão mediante o princípio infalível do cogito. Descartes considera que a essência do homem é sua alma, que é constituída pela “res cogitans” (coisa pensante), ao passo que o corpo é uma substância completa, existente por si, diversa da alma, que é constituída pela “res extensa” (coisa extensa). Traduz assim a concepção dualista.

No livro “Meditações”, atribui à alma três faculdades: sensação, imaginação e razão; e divide as ideias em três grandes grupos: adventícias (dependem dos sentidos), fictícias (dependem da imaginação) e inatas (dependem da razão, não podendo ser produzidas pela experiência – “parecem-me nascidas em mim”).

Em Descartes, podem ser encontrados alguns indicadores que vieram a nortear o pensamento moderno. O método da dúvida, o mecanicismo, o matematismo e o dualismo psicofísico estão entre os principais.

O método cartesiano da dúvida colocou-se como diretriz do pensamento moderno. Ele instaurou um novo critério de

verdade ou falsidade de uma ideia. Não é mais a autoridade política, intelectual ou religiosa que decide sobre a verdade, mas o próprio sujeito do conhecimento, ou pela evidência ou pela dúvida. Adotar o método cartesiano tornou-se sinônimo de ser moderno.

A interpretação mecanicista de toda a realidade física, inclusive do corpo humano, deu bases para o chamado paradigma cientificista; este teve Newton como seu maior estruturador. Segundo este paradigma, o mundo é uma máquina (relógio) que pode ter todas as suas peças conhecidas e controladas pelo homem.

A convicção cartesiana de que toda a realidade física, de algum modo, pode ser matematizada em suas qualidades primárias, passou a fazer parte da ciência moderna. Só pode ser tratado cientificamente aquilo que é tradutível para a linguagem matemática.

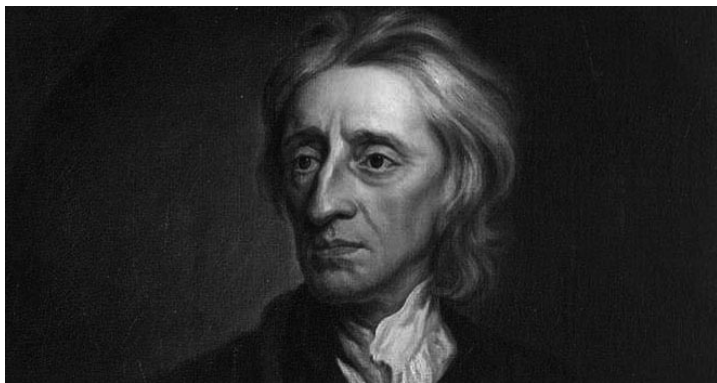
A concepção dualista e mecanicista do homem (o corpo humano é uma máquina) predominou, e ainda é bem vista em muitos ambientes, embora as chamadas filosofias do espírito e a neurociência atual tendam a contradizê-la.

2. John Locke (1632-1704)

Viveu 72 anos. Médico, dedicou-se à filosofia e à política. Suas obras principais são: “Ensaio sobre o Intelecto Humano” e “Dois Tratados sobre os Governos”.

Para Locke, a filosofia é pura teoria do conhecimento. Faz crítica às ideias inatas admitidas por Descartes (racionalismo). Diz Locke, se tivéssemos em nós tais ideias, todos deveríamos ter consciência delas. Ao contrário, as crianças, os selvagens e os ignorantes não as conhecem. De resto a experiência demonstra que os princípios morais, a ideia de

Deus, longe de serem inatas, são diversas em cada povo.
Assim, renuncia a metafísica.



Afirma Locke que só pela experiência (= empirismo) e dentro dos seus limites o conhecimento humano tem poder efetivo. De inato não há senão o poder do intelecto. Antes da experiência ele é destituído de qualquer noção, é uma tábula rasa na qual nada está escrito.

Duas são as formas de experiência:

- a sensação ou percepção externa, da qual nos vêm as ideias dos objetos externos (uma cor, um som etc.);
- a reflexão ou percepção interna, da qual nos vêm as ideias dos nossos atos espirituais (dor, força etc). Em suma: ideias das coisas e ideias do eu.

Há dois tipos de ideias:

- ideias simples – são as ideias diretas das coisas;
- ideias complexas – são a capacidade de combinar ou associar as ideias simples entre si.

Entretanto, o conhecimento pressupõe o trabalho de comparação ou ligação entre elas. Segundo Locke, são dois caminhos para tal:

- a intuição é a evidência imediata ($2+2=4$);
- a demonstração é um penoso caminho de associação, conexão entre as ideias.

Assim, temos conhecimento da nossa existência através da intuição, o conhecimento de Deus por meio da demonstração e do mundo externo pela sensação.

Enquanto os racionalistas investem no modelo das ciências exatas (matemática e geometria), os empiristas como Locke investem nas ciências experimentais (botânica, química, astronomia, mecânica etc.).

O pensamento político de John Locke é a base do liberalismo. Uma crítica ao poder monárquico, diz ele: Se não há ideias inatas não há poder inato de origem divina. O Estado surge de um pacto entre os homens que visam garantir os direitos fundamentais. São eles: o direito à vida, à propriedade, à liberdade e o de defesa de tais direitos.

A essência da filosofia política é a relação entre o ser e o ter.

Todo ser deseja ter algo que é fruto do seu trabalho. Este é o pensamento liberal, em que o homem pode ter direito à propriedade, a outros bens, à propriedade intelectual etc.

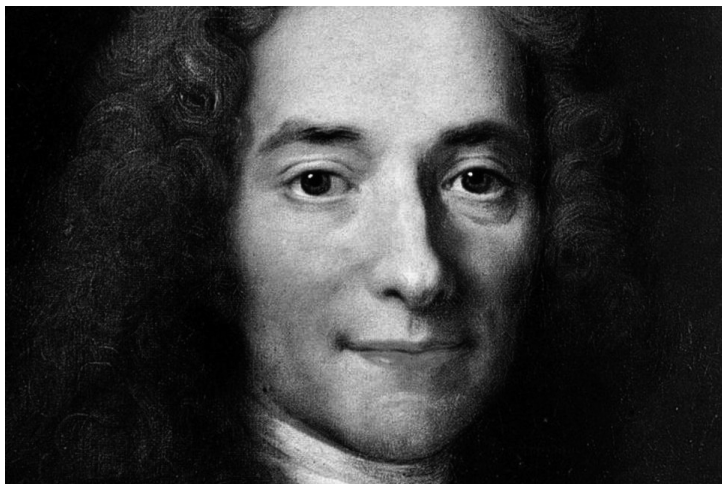
Em contrapartida, no pensamento marxista, o ter pertence ao Estado, que distribui os bens a seu critério.

3. Escola Iluminista

Voltaire (1694-1778), fundador da Escola Iluminista, viveu 94 anos.

O iluminismo mais que uma escola ou um sistema filosófico é um movimento espiritual, típico do século XVIII e caracterizado por uma ilimitada confiança na razão humana, considerada capaz de diminuir as névoas do desconhecido e do mistério que estorvam e obscurecem o espírito humano,

e de tornar os homens melhores e felizes, iluminando-os. O iluminismo é essencialmente um antropocentrismo, um ato de fé apaixonado pela natureza humana. É um novo evangelho de progresso e felicidade. O iluminismo preconiza um novo messianismo, uma nova era, em que o homem, vivendo conforme a sua natureza, será perfeitamente feliz. As características fundamentais do iluminismo são: veneração à ciência, com a qual se espera resolver todos os problemas que afligem a humanidade; empirismo: tudo aquilo que está além da experiência não conserva nenhum interesse e cessa de ter valor como problema; racionalismo: ilimitada confiança na razão, cujo poder é considerado ilimitado; antitradicionalismo: crítica da tradição, especialmente da Igreja e da monarquia e negação de tudo aquilo que nos foi transmitido do passado; otimismo utópico: o homem considera-se capaz de eliminar todas as causas da infelicidade e da miséria em qualquer setor (social, político, econômico, pedagógico e jurídico) e conseguir, num futuro não muito longínquo, um estado de perfeita felicidade.

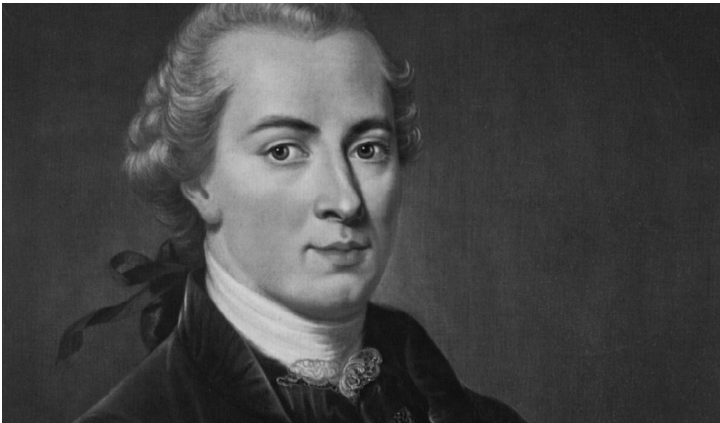


Maiores expoentes: o iluminismo é um fenômeno europeu e encontra expoentes válidos por toda parte, principalmente na França, com Voltaire (François Marie Arouet), Diderot, Montesquieu e Rousseau; mas também na Inglaterra, com Newton e Reid; na Alemanha, com Reimarus, Wolff, Lessing; e na Itália, com Beccaria e Giannone.

4. Immanuel Kant (1724-1804)

Viveu 80 anos. O criticismo de Kant representou um esforço em avaliar os alcances da razão humana, propondo que o problema central de toda crítica é o juízo.

Na sua obra “Crítica de Razão Pura” (1781), diz que o conhecimento depende das leis do intelecto e da sensibilidade. Sem sensibilidade nenhum objeto nos seria dado; sem intelecto, nenhum objeto seria pensado.



Toda experiência sensível só pode se dar no tempo e no espaço. A sensibilidade é intuitiva, isto é, imediata, mas só o intelecto possui a capacidade de julgar. O sujeito é dotado da capacidade de ordenar as representações (sínteses) por

meio das categorias e de unificar as sínteses por meio da aprecepção (“eu penso”).

Para fundamentar as suas respostas a estas questões, Kant inverte a relação entre o sujeito e objeto do conhecimento: não é o sujeito que deve girar em torno do objeto, mas é o objeto que deve girar em torno do sujeito.

$S \rightarrow O \quad O \rightarrow S$

O criticismo kantiano representa a definitiva separação entre os âmbitos da metafísica e da ciência. A razão pura (científica) é capaz tão somente de tratar de realidades atingíveis pela experiência (tempo/espaço). Assim o conhecimento só é possível no plano fenomênico. O plano fenomênico é aquele das coisas como aparecem ao sujeito (fenômeno). Entretanto, o fenômeno só se dá a partir de uma estrutura que a fundamente, a essa estrutura é denominada noumenon ou “coisa em si”. Kant diz que o fenômeno é o que se conhece do objeto, mas não é possível conhecer a essência das coisas (coisas em si). É o início do pensamento relativista.

Nesta estrutura do pensamento a metafísica não é possível como ciência e o problema da metafísica é apresentado por Kant no seu livro “Crítica da Razão Prática”.

Para Kant a questão relativa a liberdade, imortalidade da alma, existência de Deus, não é a razão enquanto se aplica ao conhecimento, é a razão aplicada à ação, à prática, à moral.

A moral kantiana é uma moral do dever. No agir, o que interessa não é tanto a matéria, mas a forma. Se a vontade determina de forma absoluta um determinado agir, esta deve ser seguida, não importando às consequências. Não são os fins (recompensa eterna, evitar a prisão etc.) que devem determinar o porquê da realização de uma ação, mas, tão somente, o sentido do dever.

5. Hegel (1770-1831)

Viveu 61 anos. Hegel é um dos expoentes do idealismo, em que procuravam desenvolver um sistema próprio de pensamento, dando importância ao sistema filosófico, que apresentavam quatro características:

O absoluto como ponto de partida;

O absoluto é de ordem espiritual;

O absoluto manifesta-se no tempo e no espaço;

A intuição intelectual como forma de captação do absoluto.



Para se compreender o pensamento de Hegel deve-se entender a dialética hegeliana que se dá por meio da tríade: tese, antítese e síntese, e está ligada, sobretudo, à ideia de progresso. Segundo Hegel, a verdade só existe onde há consciência, meditação. Daí a importância da história para explicitação da verdade.

O sujeito deste processo é o espírito absoluto, sendo ele o único sujeito da história. O espírito não tem história, nem está na história, mas é história. A história é o trabalho de reflexão do espírito, enquanto este, tendo saído de si,

retorna a si mesmo por meio dela. Assim, a tríade básica é: a ideia em si (tese); a ideia fora de si (antítese); e a ideia em si e para si (síntese).

Na sua obra mais importante, “Fenomenologia do Espírito” (1807), Hegel concebe o espírito humanizado e imanente ao mundo. Não há outra natureza pensante senão o homem. Assim, a filosofia do espírito é um tratado sobre o homem com consciência que pensa a si mesmo e a todas as produções do seu espírito.

A filosofia do espírito divide-se em três partes:

Espírito subjetivo – a vida do espírito se inicia com subjetividade, como espírito individual;

Espírito objetivo – com o aparecimento da liberdade, o espírito entra no mundo concreto das manifestações objetivas;

Espírito absoluto – é a interiorização do espírito, que se dá através do saber absoluto (arte, religião e filosofia).

- Arte – a beleza é a manifestação sensível da ideia;

- Religião – a consciência religiosa se apoia no sentimento, na intuição e na representação;

- Filosofia – é a unidade por meio do conceito, em que o Espírito pensa a si mesmo.

O sistema hegeliano significa a redução de toda a realidade, também a realidade divina, nas diversas matizes da razão. A revolução dialética passou a dar sentido racional também ao irracional. Tudo na história faz sentido, mesmo o mal, porque ele está inserido no processo de exteriorização (alienação) e interiorização (conscientização) da ideia.

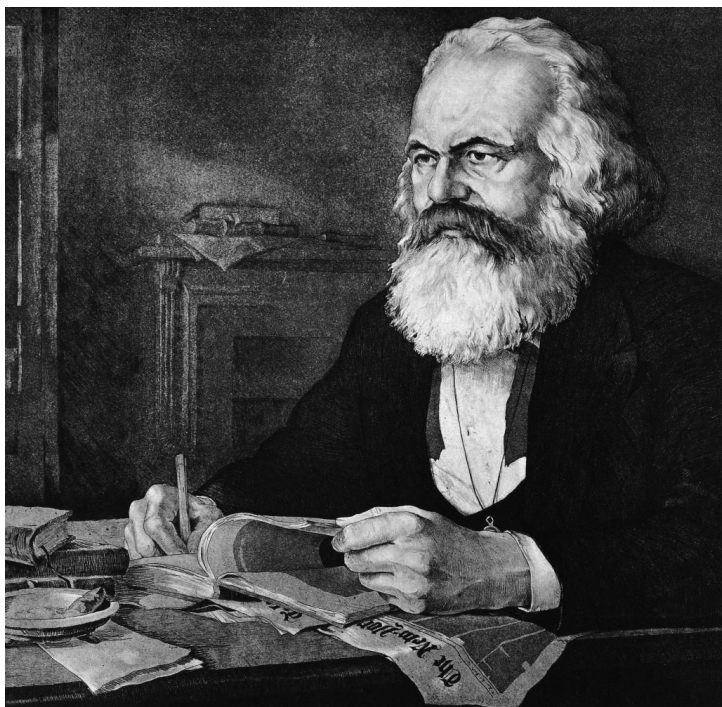
O espírito (Deus hegeliano) necessita da história para nela tomar consciência de si mesmo. Com Hegel, o racionalismo atingiu o seu apogeu. Apresenta uma visão panteísta e historicista da vida.

6. Marx (1818-1883)

Viveu 65 anos. Marx apoiou-se na filosofia hegeliana para fazer uma crítica minuciosa da situação histórica do seu tempo. Faz uso da filosofia crítica levando as últimas consequências: dar ao homem o lugar supremo, não só em relação à natureza, mas em relação ao todo. Assim, a filosofia especulativa, e a teologia, devem ser suplantadas pela antropologia. É uma filosofia da ação, é práxis. A este respeito é famosa a obra “11 Teses sobre Feuerbach”: “os filósofos se limitaram a interpretar o mundo de diversos modos, o que interessa agora é transformá-lo”. Outro representante da esquerda hegeliana, Feuerbach (1804-1872), no seu livro “Essência do Cristianismo” identifica a teologia com a antropologia, a religião com o homem, e assinala: “Não foi Deus que criou o mundo, foi o homem que criou Deus”. Complementando com mais um representante da vertente antropológica, Sigmund Freud (1856-1939) quando apresenta, na sua psicanálise, os pressupostos antropológicos, procurando defender o homem na tentativa de descobrir a gênese psicológica da religião e da ideia de Deus. Freud afirma que o homem para defender-se contra a força da natureza, assim como de outra forma, a criança teme o pai e sabe que não pode contar com ele para sempre, transporta esta projeção para a natureza, o homem olha-o como um pai todo-poderoso, a que chama Deus. Dentro deste enfoque, a religião é a perpetuação do infantilismo na vida humana.

Marx propôs elaborar uma teoria sócio-política-econômica que julgava dotada de cientificidade. Foge dos modelos metafísicos convencionais e conclui que matéria e espírito são ontologicamente a mesma coisa. Afirma que a matéria, anterior ao espírito, não é uma substância estática, isto é, dialética. Esse princípio supõe o materialismo dialético,

como a parte filosófica do marxismo: não existe nada que não seja material e as relações humanas baseiam-se nas relações econômicas. A lei desse materialismo a dialética, que tem como fim a superação da alienação. Embora o homem seja puramente corpóreo, ele trabalha dar à natureza, a face humana.



O materialismo histórico é o núcleo científico e social do marxismo. Neste sentido toda a história da humanidade é fruto dessas contradições ou luta de classes. Assim a classe dominante e dominada procuram justificar sua situação

através de tudo aquilo que ultrapassa a estrutura econômica: a cultura, a religião, a família etc.

No “Manifesto do Partido Comunista” e na “Ideologia Alemã”, Marx e Engels sugerem as seguintes características da sociedade comunista:

Fim da propriedade privada;

Concentração de todos os serviços públicos nas mãos do Estado;

Partido único;

Religião como ópio do povo (ateísmo);

Recomenda a violência.

7. Comte (1798-1857)

Viveu 59 anos. A segunda metade do século XIX registra o triunfo da mentalidade que reconhece na ciência não só a forma de conhecimento ideal, mas também a única válida. Já no século XVII, fascinados pelos progressos científicos, os filósofos esperavam conseguir os mesmos resultados, transferindo o método científico, geométrico, matemático para a respectiva disciplina (Descartes, Spinoza, Leibniz). Mas os resultados não foram satisfatórios, o que fez surgir a dúvida sobre se a esterilidade da filosofia não seria somente questão de método. Kant avançou então a hipótese segundo a qual a única esfera na qual a razão humana pode operar é a ciência, não podendo ela dizer nada da esfera metafísica.

É precisamente esta a lógica do positivismo, o qual é, portanto, a consequência lógica dos insucessos da metafísica, de um lado, e dos triunfos da ciência, de outro.

A preocupação humanística do positivismo tem outro objetivo: adquirir um conhecimento exato do homem como ser social, empregando para isso o método das ciências ex-

perimentais: como as ciências são aptas para formular as leis relativas ao desenvolvimento dinâmico da realidade natural, devem ser aptas também para formular as leis relativas ao desenvolvimento do mundo social humano. Comte foi o criador da sociologia e da teoria dos três estados (rumo ao progresso).



Segundo Comte, todo o universo procede da matéria por via de evolução. Também o homem é produto da evolução da matéria. Quando a evolução atingiu o estágio humano, teve início a história, cujas fases principais são a religiosa, a filosófica e a científica, as quais constituem as três épocas fundamentais da história da humanidade.

Alguns conceitos positivistas:

Positivo (certo, preciso, real, útil e relativo);

A humanidade substitui definitivamente Deus, sem esquecer jamais seus serviços;

A verdade é uma conquista gradual da humanidade;

Conhecer para prever; prever para prover;

O amor por princípio, a ordem por base e o progresso por fim;

Amor à humanidade (família, pátria, religião positiva);

Hierarquia (senso de obediência aos superiores);

Voto universal é perigoso;

Preferência pelo técnico ao político.

Política:

Representava a clara reação do capitalismo diante dos ideais socialistas, do monarquismo, do clericalismo e do feudalismo dos latifundiários;

Benjamim Constant era professor de matemática da Escola Militar do Rio de Janeiro e contribuiu para a formação da geração de militares que participou diretamente da queda da monarquia e da Proclamação da República, claramente inspirada nos ideais políticos comteanos;

A doutrina da Escola Superior de Guerra (ESG) é herdeira do pensamento positivista.

CAPÍTULO VI

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO BRASILEIRO

1. Segunda Escolástica



A meditação filosófica brasileira durante o período colonial caracteriza-se pela sua inspiração nos temas tratados

pela Segunda Escolástica portuguesa. O ponto central desta consistia na defesa da ortodoxia católica, a partir das disposições adotadas no Concílio de Trento (1545-1563) como reação contra a reforma protestante. A máxima expressão desse esforço foi a “ratio studiorum” (1549), que apresentava dois aspectos típicos: a subordinação do ensino superior à teologia e ao dogmatismo, definidos pelos próprios jesuítas. A Segunda Escolástica inicia com a chegada dos jesuítas em 1586 e dura 173 anos até sua expulsão em 1759.

2. Empirismo Mitigado

Na segunda metade do século XVIII, consolidou-se em Portugal a corrente do empirismo mitigado, que se caracterizava por uma forte crítica à Segunda Escolástica e ao papel monopolizador que exerciam os jesuítas no ensino, bem como pela tentativa de formular uma noção de filosofia que se reduzisse à ciência aplicada. Duas obras serviram de base a essa nova corrente: “Instituições Lógicas”, do italiano Antonio Genovesi (1713-1769) e o “Verdadeiro Método de Estudar”, do sacerdote oratoriano português Luís Antônio Verney (1713-1792).

O empirismo mitigado inspirou, no entanto, importantes segmentos da “intelligentsia” brasileira, a partir da mudança da corte portuguesa para o Rio de Janeiro, em 1808. A geração de homens públicos que organizou as primeiras instituições de ensino superior era de formação cientificista-pombalina. Dentre eles, cabe destacar a figura de D. Rodrigo de Souza Coutinho (1755-1812), conde de Linhares, que em 1810 organizou a Real Academia Militar do Rio de Janeiro.

O esforço em prol da superação do empirismo mitigado coube a Silvestre Pinheiro Ferreira (1769-1846). Inspirado na

filosofia de Leibniz (1646-1716) e, de outro lado, na lógica aristotélica e no empirismo lockeano, o pensador português, que foi ministro da corte de D. João VI no Brasil, formulou um amplo sistema que abarcava três partes: a teoria do discurso e da linguagem, o saber do homem e o sistema do mundo. Graças à sua valiosa colaboração teórica, o Império brasileiro conseguiu superar os problemas do liberalismo radical e deitou as bases para a prática parlamentar. Entretanto, a sua meditação não conseguiu formular de maneira completa uma explicação filosófica para o problema da liberdade.

3. Ecletismo

Os temas da consciência e da liberdade ocuparam o foco do debate filosófico que se efetivou no Brasil ao longo do século XIX. A partir das bases colocadas pela meditação de Silvestre Pinheiro Ferreira, os pensadores ecléticos procuraram dar uma resposta de caráter espiritualista à problemática do homem. Sem dúvida que os filósofos brasileiros deste período inspiraram-se no ecletismo espiritualista francês formulado por Maine de Biran (1766-1824) e divulgado por Victor Cousin (1792-1867), que permitiu superar o extremado sensismo de Condillac (1715-1780). Mas o pensamento dos primeiros reveste-se da originalidade que tinham as circunstâncias históricas do Brasil no século XIX, relacionadas com o problema da construção do sentimento de nação e com a organização do Estado. As duas figuras mais representativas do ecletismo brasileiro são Eduardo Ferreira França (1809-1857) e Domingos Gonçalves de Magalhães (1811-1882).

Gonçalves de Magalhães expôs o seu pensamento filosófico na obra intitulada “Fatos do Espírito Humano”, publicada, em Paris, em 1859. O problema ao qual respondeu a filosofia do maior pensador romântico do Brasil foi o da construção da ideia de nação. Isso fez com que a obra de Magalhães, como destaca o seu mais importante estudioso, Roque Spencer Maciel de Barros, se formulasse no contexto de uma proposta pedagógica. Magalhães baseia a sua visão de liberdade e moral numa análise filosófica inspirada em Victor Cousin e, parcialmente, em Malebranche (1638-1715) e Berkeley (1685-1753); formula uma explicação do homem em termos puramente espiritualistas, que negam qualquer valor substancial ao mundo material, inclusive ao próprio corpo, já que o universo sensível só existe intelectualmente em Deus, como pensamentos seus. O homem, preso ao corpo, é livre por ser espírito e adquire a conotação de ente moral justamente em virtude dessa “resistência do corpo”. A moral de Magalhães, como a de Cousin, é uma moral do dever que valoriza a intenção do autor e não o resultado do ato. A inspiração romântica dessa filosofia aparece na importância conferida por Magalhães ao fator religioso como motor da nacionalidade, bem como no papel desempenhado pela poesia enquanto educadora do povo (ele foi o mais importante representante do romantismo literário no Brasil).

O ocaso da corrente eclética dá-se ao longo do período de 1880 a 1900, em decorrência do fenômeno cultural denominado por Sílvia Romero (1851-1914) de “surto de ideias novas”, e que se caracterizou pela entrada, nos meios acadêmicos, de filosofias contrárias ao espiritualismo eclético, como o darwinismo, o determinismo monista e o positivismo.

4. Positivismo

Sem dúvida alguma que, entre as correntes filosóficas em ascensão nas últimas décadas do século XIX, o positivismo foi a que mais repercussão teve no seio do pensamento brasileiro. A razão fundamental desse fato se apoia na preexistente tradição cientificista que se iniciou com as reformas pombalinas, à luz das quais estruturou-se todo o sistema de ensino superior, em bases que privilegiavam a ciência aplicada e a instrução estritamente profissional. Isso explica a tardia aparição da ideia de universidade (entendida como instância de cultura superior e de pesquisa básica), no contexto cultural brasileiro.

O positivismo teve no Brasil quatro manifestações diferentes: a ortodoxa, a ilustrada, a política e a militar. A corrente ortodoxa teve como principais representantes Miguel Lemos (1854-1917) e Teixeira Mendes (1855-1927), os quais fundaram, em 1881, a Igreja Positivista Brasileira, com o propósito de fomentar o culto da “religião da humanidade”, proposta por Comte (1798-1857), no seu “Catecismo Positivista”.

A corrente ilustrada teve como principais representantes Luís Pereira Barreto (1840-1923), Alberto Sales (1857-1904), Pedro Lessa (1859-1921), Paulo Egydio (1842-1905) e Ivan Lins (1904-1975).

A corrente política do positivismo teve como maior expoente Júlio de Castilhos (1860-1903), que em 1891 redigiu a “Constituição do Estado do Rio Grande do Sul”, que entrou em vigor nesse mesmo ano.

A corrente militar positivista teve como principal representante Benjamin Constant Botelho de Magalhães (1836-

1891), professor da Academia Militar e um dos chefes do movimento castrense que derrubou a monarquia em 1889.

5. Escola do Recife (Culturalismo)

A filosofia positivista foi vigorosamente criticada pela corrente denominada de “Escola do Recife”. O fundador e mais destacado representante dessa corrente de pensamento foi Tobias Barreto (1839-1889). Outras figuras dignas de menção são Sílvio Romero (1851-1914), Clóvis Beviláqua (1859-1944), Artur Orlando (1858-1916), Martins Júnior (1860-1909), Faelante da Câmara (1862-1904), Fausto Cardoso (1864-1906), Tito Livio de Castro (1864-1890) e Graça Aranha (1868-1931).

Os pensadores da “Escola do Recife” protagonizaram uma clara reação contra as duas formas de pensamento que dominavam o panorama filosófico nacional nas últimas décadas do século XIX: o ecletismo espiritualista e o positivismo.

A “Escola do Recife” foi, no contexto do pensamento filosófico brasileiro do século XIX, a mais clara manifestação da perspectiva transcendental kantiana, ao entender com Tobias Barreto e Artur Orlando – a filosofia como epistemologia. Esses pensadores, sem dúvida, deitaram as bases para o ingresso e a discussão, no meio brasileiro, das ideias provenientes do neokantismo, nas primeiras décadas do século XX.

A “Escola do Recife”, ao mesmo tempo que permitiu fazer uma crítica de fundo ao determinismo positivista, que ancorava na submissão naturista da liberdade e da consciência, reduzindo-as a efeitos da “física social”, deitou também as bases para a corrente de pensamento que no século XX

revelar-se-ia mais vital no contexto da meditação filosófica brasileira: o culturalismo.

6. Tobias Barreto e o Culturalismo

Chegamos ao início das formulações de pensamento brasileiro, e seu precursor é Tobias Barreto. Sergipano, mameleuco, poeta, filósofo e jurista. Morre aos 50 anos (1839-1889) deixando nove filhos e muitas obras. Participou de modo destacado do chamado surto das ideias novas dos anos 70; voltou-se contra a influência francesa e o positivismo. Notadamente avessa à vertente marxista, amparada pela visão materialista do positivismo. Concluiu o curso de direito aos 30 anos, na Faculdade de Direito do Recife, em 1882.

Sustenta que a liberdade é a condição precípua para o desenvolvimento da sociedade. O homem escolhe o seu caminho, o que não acontece nos países totalitários.

Tobias lê e escreve em alemão, inclusive publicou um jornal neste idioma, mas é na obra de Immanuel Kant (1724-1804) que nutre suas ideias. No texto “O que é esclarecimento”, Kant argumentou que o homem deve sair do estágio da menoridade. Deixar de ser tutelado, conduzir seu próprio caminho. Por analogia, o mesmo serve para uma nação, pois se não tem um pensamento próprio, fica sob a tutela de outra nação. É na revolução filosófica de Kant, porém, que se inverte a relação entre sujeito e objeto do conhecimento: Não é o sujeito que ao chegar ao conhecimento descobre as leis do objeto, como em Aristóteles, através da adequação do intelecto à coisa em si; mas é o objeto que ao ser conhecido se adequa à lei do sujeito.

O criticismo kantiano representa a definitiva separação entre os âmbitos da metafísica e da ciência. A razão pura (científica) é capaz tão somente de tratar de realidades

atingíveis pela experiência. Os temas metafísicos: existência de Deus, liberdade, imortalidade da alma, não podem ser tratados com a objetividade da ciência; permanecem no âmbito da razão prática (vontade), em que a subjetividade predomina.

A filosofia kantiana propõe que o homem, por intermédio da ciência e da técnica, em contraponto ao mundo moral, permita o fazer. Tobias Barreto, observando o abismo kantiano entre as ciências e o mundo moral, vai inferir que este abismo é preenchido pela cultura. A cultura entendida como o impulso do espírito para agir e criar qualquer bem objetivado. Um conceito deduzido dentro do culturalismo advém do entendimento do culto a Deus, o Criador que cria do nada o mundo e o homem à sua imagem e semelhança; como consequência, infere que o homem é coautor para sua existência no mundo. Tobias Barreto propõe outras afirmativas, como a vida social é a verdadeira vida do homem; é preciso humanizar a luta pela vida, pelo trabalho cultural; e o processo da cultura consiste em gastar e desbastar o homem da natureza.

7. A Corrente Culturalista

A corrente culturalista nasce no ambiente da “Escola do Recife” a partir da posição firmada por Tobias Barreto sobre o conceito de cultura. Silvio Romero (1851-1914) foi seu contemporâneo, tornando-se um grande propagandista de suas ideias e promovendo uma primeira ordenação em sua obra dispersa. Silvio Romero se encaminharia para a vertente do culturalismo sociológico. Outro defensor de Tobias é o pernambucano Artur Orlando (1858-1916), que trata a filosofia como teoria do conhecimento. Nesta trilha do culturalismo segue Câmara Cascudo (1898-1986); nos

estudos de antropologia e etnografia, Graça Aranha (1868-1931), maranhense que vai cunhar o termo brasilidade numa via pela valorização da arte e sensibilidade.

Miguel Reale (1910-2006), quando começa a estudar e entender Tobias Barreto, em 1949, retoma o projeto da “Escola do Recife”. Ele cria o Instituto Brasileiro de Filosofia, edita a “Revista Brasileira de Filosofia”, e também se torna reitor da USP. Miguel Reale, como reitor, leva a obra de Tobias Barreto aos ambientes acadêmicos, com a força de uma complexa e vasta visão de mundo da cultura. Tobias, que modernizou o conceito de filosofia, reflete sobre o dia a dia da realidade, numa sociedade assumidamente assimétrica, eclética e sincrética. Miguel Reale cunha o termo culturalismo. O culturalismo é a base desse pensamento, que vai investigar o cenário e o ser nacional.

Antonio Paim (1927-2021), da década de 60 até hoje, tem sido um exegeta da obra de Tobias Barreto; contextualiza a história das ideias no Brasil. Sua vasta obra tem uma atualidade indiscutível, como realmente tem sido fundador de uma filosofia nacional do Brasil. Antonio Paim atua na implementação do curso de mestrado em filosofia na área do Pensamento Brasileiro na PUC/RJ (1972-1978); na criação do curso para mestrado e doutorado em filosofia na área do pensamento luso-brasileiro, na Universidade Gama Filho a partir de 1979; e na instalação do Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, na PUC de Salvador, em 1982.

Estes citados filósofos brasileiros fundamentais pelo culturalismo, num gesto patriótico de defesa da nação, levam adiante as ideias que motivaram a reflexão nacional. O culturalismo no embate com o meio acadêmico e intelectual sofre ataques e reveses, seja nos cursos implantados, seja

nos espaços políticos por correntes marxistas, materialistas, apátridas e internacionalistas.

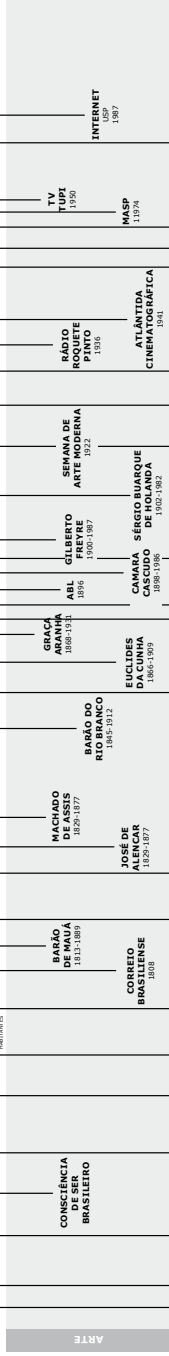
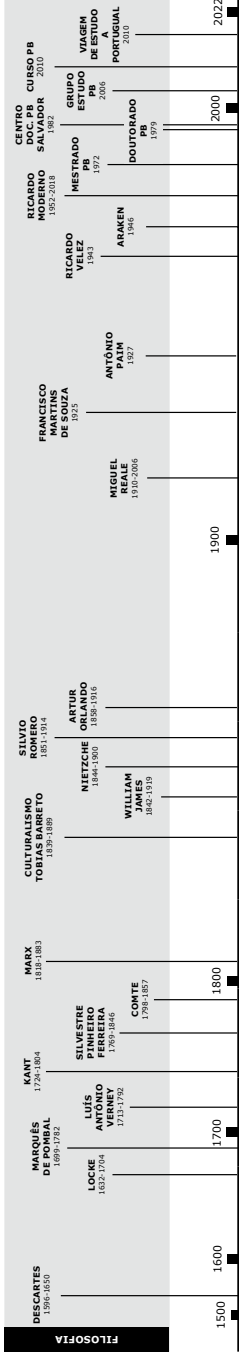
Por que o pensamento brasileiro marca sua presença no Clube de Aeronáutica?

O Clube de Aeronáutica, criado em 1946, por oficiais da Aeronáutica oriundos da Marinha e do Exército, tem mantido as aspirações destes precursores da arma aérea: pensar o Brasil.

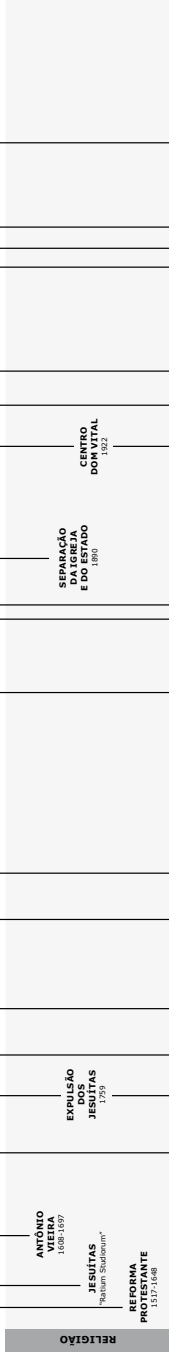
Em 2006 foi criado um Grupo de Estudos no Clube de Aeronáutica, mas somente em 2010 inicia-se o primeiro Curso do Pensamento Brasileiro. O mentor intelectual destes estudos é o Prof. Dr. Francisco Martins de Souza (1925), que comungava com as ideias de Miguel Reale relativas ao pensamento político brasileiro, juntamente com Antonio Paim, Ubiratan Macedo e Ricardo Vélez Rodríguez. O querido Prof. Dr. Francisco iluminou nossas mentes sobre a importância do culturalismo, e Ricardo Vélez contribuiu com a sua participação ativa nos cursos como palestrante, e na escrita de ensaios e artigos para a Revista Aeronáutica e nos projetos de valorização da cultura brasileira, na sua rápida passagem pelo Ministério da Educação, em 2019. Afirmamos com orgulho que o Clube de Aeronáutica é a Casa do Pensamento Brasileiro, em memória dos nossos antecessores e, também, pelos anos de estudos aprofundados sobre o tema.

Podemos afirmar que o culturalismo é uma árvore que dá bons frutos em solo brasileiro.

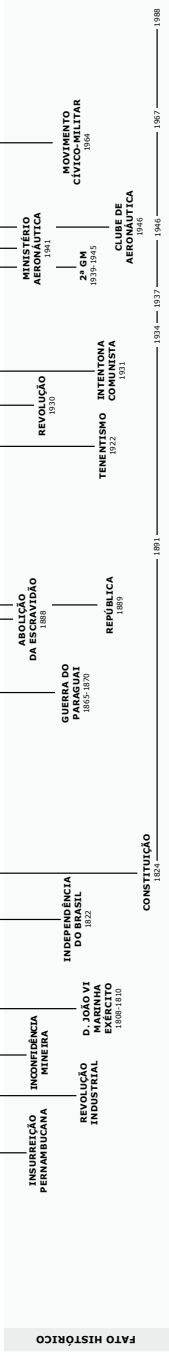
FILOSOFIA



RELIGIÃO



FATO HISTÓRICO



BIBLIOGRAFIA

Filosofia

AQUINO, Tomás de. Suma teológica. São Paulo, Loyola, 2001.

CAROSI, Paulo. Curso de Filosofia. São Paulo, 1963.

FRANKL, Viktor. Psicoterapia para todos. Petrópolis, Vozes, 1990.

HRYNIEWICZ, Severo. Para filosofar, introdução e história da filosofia. Rio de Janeiro, 1998.

LARA, Tiago Adão. A filosofia nas suas origens gregas. Petrópolis, Vozes, 2001.

LARA, Tiago Adão. A filosofia nos tempos e contratempos da cristandade ocidental. Petrópolis, Vozes, 1999.

LARA, Tiago Adão. A filosofia ocidental do renascimento aos nossos dias. Petrópolis, Vozes, 2001.

MAGALHÃES, Domingos José Gonçalves, Visconde de Araguaia, 1811 – 1882. Fatos do Espírito Humano. Rio de Janeiro, Vozes, 2004.

MARITAIN, Jacques. A intuição na filosofia de Jacques Maritain. São Paulo, Loyola, 1997.

- MARITAIN, Jacques. Arte e Escolástica. Rio de Janeiro, UFRJ, 1973.
- MARITAIN, Jacques. Sete lições sobre o ser. São Paulo, Loyola, 1996.
- MARITAIN, Jacques. Sobre a filosofia da história. São Paulo, Herder, 1962.
- MONDIN, Giovanni Batista. O homem quem é ele? Elementos de antropologia filosófica. São Paulo, Paulus, 1980.
- MONDIN, Giovanni Batista. Definição filosófica da pessoa humana. Bauru, Edusc, 1998.
- MONDIN, Giovanni Batista. Introdução à Filosofia. Problemas. Sistemas. Autores. Obras. São Paulo, Paulus, 1981.
- MONDIN, Giovanni Batista. Curso de Filosofia – v. 1, v. 2, v. 3. São Paulo, Paulus, 1981.
- MORA, José Ferrater. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Martins Fontes, 1998.
- MOURA, Odilão. O ente e essência de Santo Tomás de Aquino. Presença, 1981.
- REALI, Giovani. História da filosofia antiga. São Paulo, Loyola, 1994.
- REALI, Giovani. Aristóteles, metafísica. São Paulo: Loyola, 2001.
- SANTOS, Mario Ferreira. Filosofia e cosmovisão. São Paulo, Edance, 1952.

Pensamento e Cultura Brasileira

- ANDRADE, Luiz Cristianismo. A Narrativa da Vontade de Deus, A História do Brasil de Frei Vicente do Salvador. Rio de Janeiro, Fundação Biblioteca Nacional, 2014.
- ARAKEN, Hipólito da Costa (organização) Manoel Soriano Neto, Manuel Cambeses Júnior, Ricardo Vélez Rodríguez e Francisco Martins de Souza. Reflexões Movimento cívico

- co- militar de 31 de março de 1964. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 11), 2014.
- BARRETO, Tobias. Bibliografia e Estudos Críticos. Salvador, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 1990.
- BERGAMO, Frederico José de Andrade. Cultura Popular e Caráter Nacional. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 6), 2012.
- BOTELHO, Andre e SCHWARCZ, Lilia Moritz (organizadores). Um Enigma Chamado Brasil: 29 Intérpretes e um País. São Paulo, Companhia das Letras, 2009.
- CARPEAUX, Otto Maria. História da Literatura Ocidental 3. ed. Brasília: Senado Federal, 2010.
- CARVALHO, José Murilo. Cidadania no Brasil o Longo Caminho. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 2015.
- CARVALHO, José Murilo. Forças Armadas e Política no Brasil. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.
- CARVALHO, Olavo de. O Futuro do Pensamento Brasileiro. Rio de Janeiro, Faculdade da Cidade, 1997.
- CRIPPA, Adolpho (coordenador). As ideias Filosóficas no Brasil 3 Vols. São Paulo, Convívio, 1978.
- CROWLEY, Roger. Conquistadores: como Portugal forjou o primeiro império global. São Paulo, Planeta, 2016.
- COUTINHO, Afrânio. (organização) Machado de Assis Obra Completa. Rio de Janeiro, José Aguilar, 1959.
- CUNHA FROTA, Tarso Magnus da. O Pensamento Militar Brasileiro. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 6), 2012.
- DULLES, Avery Sj. A Verdade como Fundamento da Liberdade. Rio de Janeiro, Letra Capital, 2005.
- HUDE, Henre. A Ética do Decisor. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2015.

- JÚNIOR, Francisco Pinheiro Lima e CASTRO Dinorah D' Araújo Berbet de. História das Ideias Filosóficas na Bahia (séculos XVI a XIX). Salvador, Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro, 2006.
- NEJAR, Carlos. História da Literatura Brasileira. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 2007.
- PAIM, Antonio, PROTA, Leonardo e VÉLEZ, Ricardo Rodríguez. Curso de Humanidades. A Cultura Ocidental e o Cinema a Serviço da Cultura. Londrina, Humanidades, 2005.
- PAIM, Antonio. O Estudo do Pensamento Filosófico Brasileiro. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1979.
- PAIM, Antonio. História das Idéias Filosóficas no Brasil. São Paulo, Grijalho/USP, 1967.
- PROTA, Leonardo. As Filosofias nacionais e a Questão da Universidade da Filosofia. Londrina, Universidade Estadual de Londrina, 2000.
- REALE, Miguel. O Homem e seus Horizontes. Rio de Janeiro, Topbooks, 1997.
- REALE, Miguel. Bibliografia das Comemorações do Professor Miguel Reale. Rio de Janeiro, Expressão e Cultura, 2001, (Centro de Documentação do Pensamento Brasileiro).
- REALE, Miguel. Verdade e Conjetura. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2001.
- REIS, Arthur Cezar Ferreira. A Conquista Espiritual da Amazônia. São Paulo, Escolas Profissionais Salesianas, 1942.
- SOUZA, Francisco Martins de. Introdução à Filosofia. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 1), 2007.
- SOUZA, Francisco Martins de. Uma Visada Filosófica sobre o Culturalismo. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 2), 2010.

- SOUZA, Francisco Martins de. Autoritarismo. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio 8), 2012.
- SOUZA, Francisco Martins de. O Culturalismo Sociológico de Alcides Bezerra. São Paulo, Convívio, 1981.
- VÉLEZ, Ricardo Rodríguez. Patrimonialismo e a Realidade Latino-Americana. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército, 2017.
- VÉLEZ, Ricardo Rodríguez. Pensamento Político Brasileiro Contemporâneo. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica (Ensaio5), 2012.
- VÉLEZ, Ricardo Rodríguez. Pensadores Portugueses: Séculos XIX e XX. Rio de Janeiro, Revista Aeronáutica, 2019.
- VÉLEZ, Rodríguez, PROTA Leonardo e PAIM Antonio. Curso de Humanidades: Política. Londrina, Humanidades, 2007.

